

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

CAMILLA SILVA DE ARAUJO

GÊNERO E SOCIABILIDADE NO ATLETISMO ADAPTADO: ADEZO E
ASSOCIAÇÃO ROSINHA SANTOS

NITERÓI
2018

CAMILLA SILVA DE ARAUJO

GÊNERO E SOCIABILIDADE NO ATLETISMO ADAPTADO: ADEZO E
ASSOCIAÇÃO ROSINHA SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de bacharelado em antropologia, como
requisito parcial para a conclusão do curso

Orientador:
Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo

Niterói
2018

CAMILLA SILVA DE ARAUJO

GÊNERO E SOCIABILIDADE NO ATLETISMO ADAPTADO: ADEZO E
ASSOCIAÇÃO ROSINHA SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de bacharelado em antropologia, como
requisito parcial para a conclusão do curso

Aprovada em ____ de _____ de 201_.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFF

Prof^ª. Dr^a Simoni Lahud Guedes
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFF

Prof^ª Mr^a Cilene Lima de Oliveira
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFF

Niterói
2018

Dedico este trabalho a minha família, que sempre fez o impossível para que eu ingressasse na faculdade e concluísse minha graduação com êxito. Muitas vezes passaram por muita dificuldade para que eu conseguisse chegar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe e meu padrasto, pelo incentivo sempre. Pela grande ajuda que meu namorado me deu muitas vezes que precisei, e agradeço grandiosamente ao meu orientador, que foi como uma espécie de pai durante o processo de pesquisa. Devo muito do que aprendi a Luiz Fernando Rojo. Agradeço a UFF e ao Departamento de Antropologia pela oportunidade de receber a bolsa do Programa de Iniciação Científica, que me ajudou no desenvolver da pesquisa. Aos meus amigos e colegas do grupo de orientação, por me ajudarem a melhorar minha pesquisa, e que me apoiaram em diversos momentos.

Agradeço a todas as Instituições que me receberam de braços abertos, especialmente ADEZO E ASSOCIAÇÃO ROSINHA SANTOS, que me trataram sempre com muita gentileza e paciência durante o processo de construção da pesquisa.

RESUMO

Esta monografia foi produzida a partir de um trabalho de campo realizado em diversas Instituições onde se pratica esporte adaptado de caráter competitivo, especialmente na ADEZO E ASSOCIAÇÃO ROSINHA SANTOS. Busco aqui abordar algumas questões que surgiram em campo através da observação e convivência com os nativos, como a relação de amizade e a questão da maior visibilidade dos esportes individuais, os discursos de “coitadismo” no meio do esporte paralímpico, e mais profundamente, a questão de gênero no campo.

Palavras-chave: deficiência, esporte paralímpico, gênero

ABSTRACT

This monograph was produced from a field work carried out in several Institutions where one practices adapted sport of competitive character, especially in ADEZO AND ASSOCIAÇÃO ROSINHA SANTOS. I seek here to abort some questions that have arisen in the field through observation and coexistence with the natives, such as the relationship of friendship and the question of the greater visibility of individual sports, the speeches of "coitadismo" in the midst of Paralympic sport, and more profoundly, the gender issues in the field.

Keywords: disability, Paralympic sport, gender

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 – Jonas Licurgo, treinando lançamento de dardo na CFAP de Sulacap	24
Figura 2 - Rosinha Santos, treinando arremesso de peso	27
Figura 3 - Mapa das Instituições do estado do Rio de Janeiro	28
Tabela 1 - Planilha de mapeamento de esporte adaptado (RJ)	40-41
Tabela 2 – Classificação funcional do atletismo	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADEZO	Instituição Associação de Deficientes da Zona Oeste
ANDEF	Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos
APABB	Associação de Pais e Amigos do Banco do Brasil
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CFAP	Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças
FUNDEC	Fundação de Apoio à Escola Técnica, Ciência, Tecnologia, Esporte, Lazer e Cultura
NEPESS	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade
TTC	Tijuca Tennis Club

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - ENTRANDO EM CAMPO	17
CAPÍTULO 2- METODOLOGIA.....	31
CAPÍTULO 3 - ALGUNS ASPECTOS SOBRE O CAMPO.....	42
3.1 O “COITADISMO” NO ESPORTE ADAPTADO.....	45
3.2 INDIVIDUALISMO E ESPORTES INDIVIDUAIS.....	52
CAPÍTULO 4- GÊNERO NO ATLETISMO ADAPTADO: ADEZO E ASSOCIAÇÃO ROSINHA SANTOS.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de campo realizada por mim, com o objetivo de servir para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma disciplina obrigatória da graduação. Antes de apresentar as discussões levantadas em campos e seus resultados, pretendo fazer uma introdução, a fim de explicar como foi pensada a ideia deste trabalho e como começou a se desenvolver, para assim partir para as discussões principais. Além disso, pretendo incluir nesta introdução um pouco da história dos meus objeto e pesquisa: os atletas e as Instituições. Acredito que seja importante na apresentação de um trabalho situar o leitor, para que acompanhe de maneira fluída o raciocínio do pesquisador.

Comecei minha pesquisa um pouco tarde. Estava no sexto período da faculdade, após um período conturbado devido as paralisações das aulas em função das ocupações estudantis que ocorreram em diversas escolas no Brasil inteiro, com o objetivo de se opor a aprovação da PAC 241 e o PL 193, o “Escola sem Partido”, e também ao governo golpista. Na época, meu futuro orientador havia publicado em uma página de uma rede social dos alunos de antropologia da UFF, sobre a oportunidade de uma bolsa de pesquisas financiada pelo PIBIC, com o objetivo de levar adiante uma pesquisa que já havia sido iniciada por seu recém formado orientando. Após um processo seletivo realizado por Luiz Fernando Rojo, recebi a notícia de que havia sido escolhida para levar adianta a pesquisa.

Até então, meu objetivo na graduação era me formar, junto a alguns teóricos da antropologia e com a ajuda de alguns professores do Departamento de História da UFF, com um TCC em História Antiga, mais especificamente sobre Grécia. Jamais teria passado na minha cabeça me formar com uma pesquisa sobre esportes adaptados. Na verdade, nunca imaginei pesquisa esporte nenhum. Estava entrando em um campo cego, onde não sabia absolutamente nada, e onde não havia nem nunca tive nenhum contato com o tema. Felizmente, para a antropologia, esse era um ponto positivo.

Após algumas reuniões com meu orientador, e a leitura de alguns artigos, começamos a produzir de maneira gradual uma base, com a leitura e discussão de alguns textos, alguns de autoria de meu próprio orientador, para que eu pudesse entrar em campo e iniciar minha pesquisa. Mas antes de chegar a minha pesquisa, é preciso contextualizá-la através de um regresso a pesquisa de Orlando Nunes, orientando de Luiz Fernando Rojo sobre o qual havia mencionado anteriormente, e os questionamentos de meu orientador.

Esta pesquisa partiu primordialmente de um projeto articulado em 2014 pelo professor Luiz Fernando Rojo: “Construções da corporalidade e noções de saúde entre atletas de esportes adaptados da Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (ANDEF)”, e de uma discussão sobre os diferentes tipos de legados que a realização dos eventos Copa do Mundo de Futebol masculino em 2014, os Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos em 2016 poderiam deixar para o Brasil, mais especificamente para o Estado do Rio de Janeiro.

O projeto pensado pelo professor Luiz Fernando Rojo parte do princípio que a visibilidade dos esportes adaptado e paralímpico eram praticamente imperceptíveis ao conhecimento da população brasileira, incluindo pessoas com deficiência e grande parte da mídia esportiva até o final do século XX. Assim, com exceção de matérias pontuais, as modalidades paralímpicas não eram divulgadas para além dos poucos espaços próprios das entidades que organizavam as delegações brasileiras para as principais competições nacionais e internacionais (SOUZA NETO, 2016).

A oficialização da candidatura da cidade do Rio de Janeiro à sede dos jogos Panamericanos e Parapanamericanos e o sucesso de sua realização nos trouxe a possibilidade em um momento futuro de sediar um evento de maior visibilidade no campo esportivo. Deste modo, garantimos a candidatura para sediar os Jogos Olímpicos e Jogos paralímpicos em 2016. Estes acontecimentos foram de suma importância para a mudança do quadro pontuado acima.

A partir da realização destes dois grandes eventos em níveis continental, obtivemos maior visibilidade e crescimento não somente em volume como também no que diz respeito a qualidade dos atletas, trazendo inclusive nossas primeiras grandes conquistas, incluindo o nascimento de novos ídolos no quadro paralímpico. Esta visibilidade começa a se acentuar em diversos aspectos, como por exemplo a primeira tese de doutorado defendida na área de Antropologia, sobre corporalidade e noções de sociabilidade entre nadadores paralímpicos (ARAÚJO, 2014).

Neste mesmo contexto, o surgimento das Paralimpiadas Escolares em 2006 proporcionou para vários jovens a oportunidade de “vivenciar a experiência de ser um atleta” (SOUZA NETO 2016). Isto posto, o vislumbre destes jovens foi garantido através das competições que puderam ser acompanhadas de perto por seus técnicos, familiares e amigos. Com este surgimento quase que em paralelo com a realização dos jogos

parapanamericanos, foi possível aumentar a visibilidade dos esportes adaptados. Isto também serviu de apoio para a pesquisa de Orlando Nunes.

A pesquisa desenvolvida pelo orientando Orlando Nunes de Souza Neto foca principalmente na construção de identidade de crianças e adolescentes com deficiência a partir de suas inserções na prática esportiva (SOUZA NETO 2016). Estas foram observadas pelo mesmo enquanto um processo de inclusão desses jovens em equipes de alto rendimento na ANDEF, onde foi realizada a sua observação participante enquanto pesquisador em campo e em sua presença nas Paralimpíadas Escolares realizadas em Natal (RN), no ano de 2015.

Esta pesquisa tinha os seguintes objetivos:

- Ampliar o campo de análises da Antropologia dos Esportes no Brasil, pela incorporação dos esportes paralímpicos e adaptados como objeto de reflexão antropológica.
- Aprofundar os vínculos entre os campos da Antropologia dos Esportes, da Antropologia da Infância e da Antropologia da Saúde, através de um projeto de pesquisa que aposta na interface entre estas três subáreas.
- Analisar os processos de construção da identidade e as dinâmicas de mudança da identidade a partir de novas configurações das relações de poder entre os sujeitos envolvidos em cada contexto social.
- Investigar os processos de construção de identidade de crianças e jovens com deficiência ou mobilidade reduzida a partir de suas inserções no ambiente do paradesporto.
- Analisar os diferentes fatores envolvidos na transformação da prática desportiva voltada para a reabilitação em treinamento orientado para a formação de futuros atletas paralímpicos e, particularmente, o papel das Paralimpíadas Escolares nesse processo.
- Discutir os aspectos de gênero envolvidos nesta transformação, bem como na escolha das modalidades esportivas.
- Possibilitar a participação em atividade de pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades necessárias para a conjugação de técnicas de trabalho de campo em Antropologia, no meio urbano, articulando dados de diferentes ordens.
- Estimular a elaboração de artigos científicos e a inserção nas atividades do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS) e do Departamento de Antropologia, no âmbito dos quais estes projeto será realizado.

A pesquisa apresentada acima teve como resultado o Trabalho de Conclusão de Curso do orientando Orlando Souza, que a iniciou. Mas como acontece em toda pesquisa,

ao decorrer do seu desenvolvimento, vão surgindo cada vez mais novos questionamentos a serem aprofundados. Apesar do projeto desenvolvido por Orlando ter alcançado seus objetivos, no que diz respeito à visibilidade do esporte adaptado na população brasileira, foi observado também, pelo professor Luiz Fernando Rojo, que não se sabia ao certo onde era praticado esporte adaptado no Brasil – no caso do desenvolvimento da pesquisa, especificamente no Rio de Janeiro - visto que na realização das Paralimpíadas, até o Comitê Paralímpico desconhecia esta informação. Sendo assim, foi iniciada mais uma fase deste projeto.

Foi aonde comecei minha pesquisa. Luiz Fernando Rojo, meu orientador, havia pensado no fato que mencionei acima, sobre como ainda éramos alheios à muitas informações referentes ao esporte adaptado, começando pelo mais simples: onde se pratica esporte adaptado no Rio de Janeiro? Surgiu então a ideia de pesquisar e visitar locais onde pudéssemos encontrar pessoas que praticavam esporte adaptado com um caráter competitivo, para além das funções terapêuticas e de divertimento. A ideia era montar uma planilha, com algumas perguntas sobre a funcionabilidade destes locais, e divulgá-las, tendo como objetivo contribuir mais um pouco para o aumento da visibilidade que mencionei mais acima.

Foi a partir desta ideia que dei início a minha pesquisa.

CAPÍTULO 1

ENTRANDO EM CAMPO

Após algumas conversas com meu professor, e a partir disso decidir como se seguiria a pesquisa, precisava encontrar uma forma de entrar em contato com esses lugares. Comecei procurando na internet alguns lugares, e tentei entrar em contato com

todos. Ao todo apareceram sete lugares nas buscas do Google, nos quais apenas um consegui entrar em contato: a Associação de Pais e Amigos do Banco do Brasil (APABB). O motivo pelo qual não consegui contato com nenhuma das outras seis Instituições foi porque nenhuma delas havia um contato atualizado em seus websites, ou seja, nenhum telefone, email ou endereço estavam atualizados, o que praticamente impossibilitava uma aproximação com o lugar.

Após enviar alguns emails pedindo a autorização para fazer uma visita e uma entrevista no local, fui visitá-los em um sábado de manhã. Foi a primeira vez que tive algum contato de fato com o campo. A APABB fica localizada no bairro São Francisco em Niterói, um bairro aparentemente nobre da cidade. A entrada é permitida somente após a identificação e autorização, visto que trata-se de um lugar que para ter livre acesso, é necessário que seja sócio da Instituição. A entrada é guardada por guardas contratados pelo local, que só me permitiram a entrada após conversar com Itamar¹ que é responsável pelo treinamento das equipes da APABB. A guarda toda montada também tinha como objetivo, obviamente, zelar pela segurança dos demais membros da Associação. Assim que subi as rampas, durante minha conversa com Itamar, o mesmo me alertou que era um bairro deserto, que apesar de não haver perigo aparente, é sempre bom se resguardar. Durante a conversa sobre segurança, Itamar me lembrou que o fato de eu ser mulher lhe passava muito mais tranquilidade no que diz respeito a segurança do local. O mesmo me foi confidenciado por um técnico também do Tijuca Tennis Club, um local que mencionarei mais a frente. O fato de eu ter me comunicado com ambas as Instituições apenas via internet os fazia duvidar das minhas verdadeiras intenções e identidade, e o fato de ao me conhecerem, virem que eu era de fato uma mulher, os deixaram mais tranquilizados.

O ocorrido me fez pensar duas questões que seriam importantes para meu trabalho: o primeiro é que dentro de uma lógica onde ambos os técnicos se inserem, eu ser uma mulher diminuía consideravelmente, para eles, os riscos de ter más intenções ou de causar algum problema para os mesmos. Me ocorreu que em um Estado como o Rio de Janeiro, que era onde eu estava me propondo a fazer minha pesquisa, onde é publicada reportagens pelo BBC News, por exemplo, que relata que 95% dos homicídios são cometidos por homens, ser mulher me facilitaria muito a estabelecer um contato. O que

¹ Mantive na pesquisa todos os nomes originais, explico os motivos para esta decisão no capítulo de metodologia.

me fez pensar que, continuar tentando uma abordagem inicial em outros lugares apenas com algum contato via internet, algo que pode facilmente camuflar a identidade de qualquer um, poderia me trazer problemas em algum momento. Isso não era algo certo, dado, é claro, mas é algo que eu poderia evitar.

Passar por essa experiência nas duas primeiras visitas ao campo foi importante para entender que, assim como eu estava ali pronta para analisar os nativos, eu também estava sendo analisada. Florence Weber (1958), nos lembra no primeiro capítulo de seu livro “Trabalho fora do trabalho”, que todos somos um nativo em potencial, e que estamos o tempo inteiro também causando impressões sobre nós mesmos em campo. Talvez a forma como decidi me introduzir no campo apresentasse alguns riscos, e decidi me policiar sobre. Após isto, percebendo que estaria também constituindo uma das partes do exercício de alteridade necessário em uma pesquisa antropológica, decidi tentar de outra forma, o que explicarei mais adiante.

Entrei finalmente, e subi algumas rampas até chegar ao local onde estava Itamar. Estava sentado em mesas de uma lanchonete que se assemelhavam muito com as de um quiosque de praia, ao lado de uma piscina, onde supervisionava o treinamento de uma criança, um menino de aparentemente oito anos, com uma de suas pernas amputadas. Fui convidada para sentar, e após pedir permissão para iniciar a gravação, comecei a entrevista.

Comecei por onde achei mais pertinente, pedi para que me contasse a história do lugar, quais seus objetivos, suas formas de trabalho, e como se mantém o lugar. A APABB é uma Associação que começou a partir da união de parentes e amigos de pessoas que tinham o anseio de ajudar algum chegado que portasse algum tipo de deficiência. É financiada pelo Banco do Brasil, e suas atividades estão além da fisioterapia ou educação física: alguns de seus membros já participam de pequenas competições, e estavam na época se preparando para participarem das Paralimpíadas Escolares, visto que a maior parte de seus membros tratam-se de crianças e adolescentes.

Após terminar a conversa com Itamar, perguntei se seria possível me fornecer outros contatos com locais que trabalhassem da mesma forma, de preferência algum telefone, onde eu poderia me apresentar de melhor forma, pelos motivos que relatei acima. Expliquei o objetivo da minha pesquisa, e porque necessitava abranger minhas conexões com outros lugares. Itamar não viu problemas quanto a isso, e me passou o telefone de técnicos de algumas Instituições nos quais eu poderia entrar em contato.

Após um breve contato de Itamar com os responsáveis pelas Instituições que havia me sugerido, consegui em um curto período de tempo uma entrevista com Menesclau, responsável pelo treinamento de esporte adaptado do Tijuca Tennis Club (TTC) e. O TTC fica na Rua Conde Bonfim no bairro Tijuca, no Rio de Janeiro. Me dirigi ao local após ter sido cordialmente convidada por Menesclau. Cheguei, e o processo de entrada era semelhante da APABB, precisava da autorização do técnico, para assim poder passar pela roleta e ter acesso a gigantesca piscina do clube, que estava reservada especificamente para o treinamento de natação. Menesclau me contou a história do local, se assemelhava muito com a história da APABB, enquanto me dava a oportunidade de assistir a um treino de Natação com uma criança com deficiência visual enquanto conversávamos. O menino de aparentemente 13 anos treinava para a próxima competição que se aproximava, e também tinha treinamentos intensivos para se preparar para a próxima Paralimpíada Escolar. A história do TTC era basicamente a mesma da APABB: alguns familiares se juntaram em prol de promover algumas atividades físicas para parentes que sofriam com algum tipo de deficiência, e aproveitaram o fato de Menesclau ser um jogador profissional de Polo Aquático para darem o pontapé inicial no projeto. Assim como a APABB, também é restrito aos sócios do Clube.

Conversamos em frente a piscina, enquanto Menesclau gritava avidamente com o menino que nadava em um movimento de ir e vir na piscina. A situação parecia muito semelhante a da APABB, mas com uma diferença crucial: durante minha entrevista com Itamar, o mesmo interrompeu o treinamento para que pudéssemos conversar. Já durante minha entrevista com Menesclau, pude assistir não somente o treinamento de camarote, mas pude também observar pela primeira vez a relação que se dava entre o atleta e seu técnico. Durante a conversa, Menesclau interrompia e gritava para o garoto coisas do tipo “Nada direito, oh aleijado”.

Logo após repetir frases parecidas com essas algumas vezes, Menesclau se deu conta do quanto poderia parecer incrivelmente rude e insensível a forma como se referia ao garoto para quem observava de fora, inclusive para mim. Me explicou que:

“Aqui a gente se trata assim mesmo, não tem jeito. Quando você vira um atleta, tem que parar com o famoso ‘mimimi’. Se não agüentar, não fica. A gente se trata assim mesmo, é aleijado, chumbado e por aí vai.” Pode ver, é assim que tratamos todos aqui, não tem essa não. “ (Menesclau, diário de campo, Junho, 2017).

Percebi logo após isto que existia uma espécie de linguajar próprio para ambientes onde se treinava esporte adaptado, e não estava restrito apenas aos atletas. Aparentemente, se estendia aos que estavam envolvidos com as atividades dentro deste mesmo ambiente. O técnico, ainda que não portasse nenhum tipo de deficiência (como em todos os casos que pude observar na pesquisa), também estava incluso nesta forma simbólica de tratamento específico para este local. Menesclau foi o primeiro caso que pude observar, mas o mesmo fato se repetia entre outros atletas e entre atletas e seus treinadores.

A forma como se chamavam e as brincadeiras que faziam entre si, provavelmente se fossem feitas ou vistas por pessoas que não estivessem dentro desta lógica simbólica, pareceria no mínimo uma falta de respeito e sensibilidade tremenda. Contudo, não estava ali para julgar o que me parecia ser ou não respeitoso. Dei de cara com meu primeiro estranhamento impactante na pesquisa. Precisava levar a sério todo e qualquer discurso que escutava em campo. Assim como Weber nos explica “Todo discurso, toda representação analisada e um discurso nativo.” (Weber, 1958, p. 29).

A forma como se tratavam era uma espécie de marcador que diferencia pessoas de fora e pessoas de dentro daquele grupo específico. Talvez possamos analisá-lo como um tipo de “ritual de passagem” nos conformes do clássico Van Gennep (1909), havendo no mesmo um caráter de incorporação de um indivíduo naqueles meios sociais. Podemos perceber isto pela fala de Menesclau, quando diz que “quando se vira atleta, tem que parar com o famoso mimimi”. Ou seja, a partir do momento que um indivíduo se insere neste ambiente, é preciso que assuma o discurso que circula entre os membros do mesmo. Por diversas vezes durante a pesquisa, em algumas visitas, pude presenciar este tipo de tratamento, que era considerado mais do que aceitável dentro destes ambientes.

O motivo pelo qual decidi fazer uma referência a este fato não é só porque penso ter sido uma experiência importante para minha pesquisa, pois assim como Geertz (2000) e Weber, penso que as contradições entre as perspectivas do pesquisador e do pesquisado é o produtor de conhecimento em uma pesquisa antropológica, mas também porque pretendo comentar o fato mais a frente em uma das análises que fiz sobre as observações de campo. Por hora, deixemos de lado este fato para retomarmos mais a frente, pretendo continuar a diante.

Assim como fiz anteriormente, pedi mais algum contato para Menesclau, para que pudesse continuar com minha pesquisa, e enquanto isso, fui visitar a segunda Instituição

do qual Itamar me passou o contato. Liguei para os responsáveis da segunda Instituições por intermédio de Itamar: A Fundação de Apoio à Escola Técnica, Ciência, Tecnologia, Esporte, Lazer e Cultura (FUNDEC), no bairro de Parque Duque, em Duque de Caxias, RJ. O responsável pelo treinamento de esporte adaptado no local se chamava Rafael, que me concedeu seu contato pessoal após ter conversado com Itamar, pois os dois eram amigos de longa data, o que facilitou meu ingresso no local. A maior parte do contato feito foi por via de redes sociais, visto que nossos horários não combinavam sempre. Consegui os dados da FUNDEC para a planilha em uma breve entrevista, depois disso, consegui outros contatos e fui adiante. Visitei o local apenas uma vez, pois era mais complicado retornar ao local devido aos horários.

Consegui com Rafael o contato da Acqua Fitness, localizada no bairro Recreio dos Bandeirantes no Rio de Janeiro. Seu responsável era Daniel. Dentre todas os locais que apresentei até agora, é a única que apesar de oferecer esportes adaptados com caráter competitivo, suas atividades são majoritariamente voltado para a fisioterapia e exercício físico, pois trata-se na realidade de uma academia. Fiz uma breve visita ao local, mas também não me rendeu nada que pudesse levar para além da planilha que planejava montar. Durante a visita, apesar de Ser muito bem tratada, não tive muito acesso a outras pessoas ou ao local propriamente dito. Além disso, o contato que Daniel me forneceu já estava dentro da minha lista, não consegui nenhuma outra nova Instituição para pesquisar.

A segunda Instituição que consegui entrar em contato através de Rafael foi a Favo de Mel. Itamar teria também tentado estabelecer contato com a mesma Instituição Anteriormente, mas somente com Rafael foi possível contatá-los. A favo de mel se localiza no bairro de Quintino, no Rio de Janeiro. Com esta Instituição, consegui contato apenas por redes sociais e telefone. Os responsáveis se disponibilizaram para me responder qualquer pergunta por meio do whatsapp e ligações telefônicas. A visita foi impossibilitada pelo fato de eu estar terminando um período enquanto mantinha contato com a Instituição, os horários não se combinavam, então decidi utilizar apenas os dados que consegui para a planilha.

O último local do qual consegui visitar para a pesquisa foi a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) da Tijuca, no Rio de Janeiro. Existem diversas Apaes no Rio de Janeiro: em Nilópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti e em outros bairros e municípios também, contudo, a única Apae que trabalho com esporte adaptado de caráter competitivo até o presente momento era a da Tijuca. As demais Apaes ainda se

preparavam para dar este passo, como a de Nilópolis e Nova Iguaçu, por exemplo, que passou algum tempo sem atividade devido a falta de verbas. Tive a oportunidade de visitá-los apenas uma vez.

Surgiu um problema que eu já estava prevendo antes de finalmente acontecer. Como havia dito anteriormente, havia uma dificuldade gigantesca para conseguir entrar em contato com esses locais. A forma que encontrei para estender minha lista de locais visitados era através de contatos que pedia ao final das entrevistas como descrevi acima. O que acontecia com frequência era os informantes destes locais fornecerem contato de em média três locais, e dentre estes, havia sempre uma ou duas Instituições que já havia tentado contato e não se encaixava dentro do que eu pretendia pesquisar, ou lugares que já havia visitado. Havia uma espécie de círculo no qual todos os principais informantes destes locais se inseriam, onde todos se conheciam direta ou indiretamente, o que fazia com que, em algum momento da pesquisa, se esgotassem as minhas possibilidades. Foi de início desanimador, pois me perguntei como faria pra conseguir continuar a pesquisa, visto que pelos dois meios de pesquisa que utilizei, não conseguia mais estabelecer contato com nenhuma Instituição. Pela internet havia a dificuldade de localizar algumas Instituições, e quando localizada, havia a dificuldade de estabelecer contato. Contato esse que só foi possível através de outros interlocutores, o que também já havia se esgotado.

Me vi estagnada neste quadro, mas podia tirar disto também um dado importante para a minha pesquisa, que já havia sido observada por Rojo. A imensa dificuldade de estabelecer contato e localizar estas Instituições é um reflexo da pouca visibilidade e pouca demanda da procura das atividades destes locais, como Rojo já havia apontado no início da pesquisa.

Além disso, há o caso também de lugares, assim como a APABB ou o TTC, que não é aberta a grande maioria das pessoas. Para poder participar das atividades oferecidas pelos locais, precisa estar ligado a sociedade² do clube ou a Sociedade dos funcionários do Banco do Brasil. Ou no caso da Acqua Fitness, que não precisa estar ligado a um tipo de sociedade, mas precisa pagar a mensalidade³ do local, que acredito estar fora do orçamento de muitas pessoas. Muitas das reclamações feitas por pessoas que entrevistei

² Aqui quando me refiro a “Sociedade” me refiro ao sistema necessário para participar das atividades do locais, existentes em diversos clubes. O “sócio” paga uma mensalidade para poder utilizar todas as atividades oferecidas pelo local.

³ O valor da mensalidade varia de acordo com as atividades que cada cliente escolhe fazer.

durante minha pesquisa diziam respeito justamente a isso. Muitas pessoas reclamavam do alto custo do treinamento de diversos esportes, e como havia uma dificuldade da acessibilidade da maioria da população à esses treinamentos. Muitas das reclamações eram relacionadas também a falta de verba disponibilizada para o treinamento de atletas paralímpicos, o que acontecia, por exemplo, com a FUNDEC, que era mantido pela prefeitura de Duque de Caxias, e a Apae de Nova Iguaçu.

A acessibilidade a alguns lugares que tenha condições de manter um treinamento de esporte adaptado as vezes é muita restrita, e as verbas disponibilizadas para estas atividades, segundo o que me era passado durante as entrevistas, é muito limitada, o que contribui também para a pouca procura e para o pouco aumento da visibilidade do esporte adaptado, e esse fator dificultou ainda mais o desenvolvimento da pesquisa, mas isto também era um dado importante que poderia ser investigado futuramente.

Voltando ao meu problema anterior, me vi em um beco sem saída, não conseguia mais contato com nenhuma Instituição. Um dia recebi então o telefonema de meu orientador, me recomendando tentar contato por alguma rede social com um atleta que estava em destaque ultimamente: Jonas Licurgo.

No mesmo instante procurei o perfil de Jonas no Facebook, e enviei uma mensagem explicando o objetivo de minha pesquisa e tentando marcar uma entrevista com o mesmo. Algumas horas depois obtive uma resposta positiva, e me preparei para ir visitá-lo em seu local de treinamento. Jonas treina no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP), da Polícia Militar, no bairro de Sulacap, no Rio de Janeiro.



Figura1: Jonas Licurgo, treinando lançamento de dardo na CFAP de Sulacap.
(Google imagens)

Sulacap é um bairro pequeno que fica na Zona Oeste do Rio de Janeiro,. A CFAP fica em uma das principais ruas do bairro. Para entrar no local, foi preciso passar pelos guardas que ficavam na guarita do local. O espaço é tão grande que Jonas precisou vir me buscar de carro na entrada, e aproveitou para me mostrar o local na íntegra, antes de me levar ao local onde treinava, no qual ao chegar, pude presenciar uma pequena brincadeira de Jonas com um colega de treinamento, falando “sai da frente, oh aleijado”, enquanto estacionava o carro.

O local de treinamento era parecido com uma espécie de galpão com um espaço suficientemente grande para ocorrer o treinamento de várias modalidades diferentes. Havia de frente para o espaço de treinamento uma arquibancada extensa, que podia ser

separada da quadra de treinamento por grades que eram montada e desmontada pelos técnicos e atletas. No momento que cheguei, havia algumas pessoas arrastando tatames para cobrir o chão e separando com as mesmas grades das arquibancadas os espaços delimitados para o treinamento de cada modalidade.

A equipe de atletismo por outro lado, a única equipe de alto rendimento do local, treinava em um campo aberto do lado de fora do galpão, onde haviam algumas cadeiras especiais para o treinamento de atletas paralímpicos, que os prendiam pela cintura por uma espécie de cinto de segurança, para evitar que caíssem enquanto arremessavam e lançavam os objetos, posicionadas de frente para o enorme campo de treinamento.

Depois de me apresentar o lugar, e me apresentar às pessoas, Jonas sentou-se comigo nas arquibancadas para que pudéssemos começar a entrevista. Foi uma transição marcante para minha pesquisa. Até aqui, tive a oportunidade de conversar com técnicos e em apenas um caso, observar um treinamento onde pude analisar a relação entre técnicos e atletas, mas pela primeira vez na pesquisa, pude fazer uma análise partindo essencialmente do ponto de vista de um atleta, o que não tinha acontecido até então.

Jonas foi o primeiro atleta que entrevistei durante minha pesquisa, o que me deu uma perspectiva diferente dentro da pesquisa. Havia uma diferença muito grande, obviamente, entre entrevistar um técnico e um atleta, mas foi importante poder observar ambas as perspectivas.

Começamos a entrevista, que durou mais ou menos duas horas. Além das respostas que precisava para alimentar a planilha, Jonas me contou sua história e a história do local. Jonas é um sargento reformado da Polícia Militar do Rio de Janeiro, foi ferido em combate e perdeu o movimento das pernas. Após passar dois anos em uma depressão profunda, voltou a praticar algumas atividades físicas. Seu ingresso no esporte adaptado se deu através do basquete. Passou por uma série de esportes após isso, até parar finalmente no Atletismo. Foi recordista mundial 11 vezes, e participa constantemente de competições internacionais. Está se preparando para participar dos próximos Jogos Paralímpicos na modalidade “lançamento de disco”.

A partir da história de Licurgo, surgiu a ideia de criar um centro de reabilitação de policiais militares feridos em combate, através da prática de esportes adaptados. A princípio esta movimentação não deu certo. Segundo Jonas, uma quantidade muito pequena de militares se interessava pelo projeto. Tiveram então a ideia de abrir a iniciativa

para civis, o que ajudou a movimentar o projeto, o fazendo crescer. Assim nasceu a Instituição Associação de Deficientes da Zona Oeste (ADEZO).

Ao final da entrevista, fiz o que fazia de costume: perguntei ao Jonas se havia algum outro lugar onde eu poderia fazer a pesquisa. O mesmo me indicou a “Associação Rosinha Santos”, que assim como dizia o nome, pertencia a atleta paralímpica Rosinha Santos. Me passou o contato direto da mesma, e me instruiu a entrar em contato avisando que Jonas havia a indicado para a pesquisa. Então finalmente fui para a última Instituição que visitei antes de definir meu recorte e o objeto de pesquisa.

Entrei em contato diretamente com Rosinha Santos. Expliquei a mesma minha pesquisa e perguntei se haveria alguma possibilidade de marcarmos uma entrevista. Após alguns dias, Rosinha me respondeu no *WhatsApp*, confirmando a data e o local para nos encontrarmos. Fui ter minha primeira entrevista em seu condomínio do bairro Recreio dos Bandeirantes no Rio de Janeiro. Rosinha me contou sua História e como se deu o início de sua Instituição.

Rosiane Santos, nordestina, foi atropelada por um caminhão aos 18 anos de idade. No acidente, uma de suas pernas foi amputada. Rosinha conta que se escondeu em casa durante um bom tempo após o acidente, e em uma tarde que decidiu sair de casa, conheceu na rua a pessoa que seria futuramente seu treinador. O mesmo convenceu Rosinha a se dedicar ao esporte adaptado, e a prometeu que faria dela uma campeã paralímpica. Depois de muita insistência de seu irmão, Rosinha decidiu ir assistir aos treinamentos oferecidos pelo técnico que conhecera na rua.

Passou por diversos esportes, como o basquete, por exemplo, antes de parar no atletismo. Rosinha foi campeã dos Jogos Paralímpicos de Sidney em 2000 e recordista mundial apenas um ano e meio após ingressar no esporte adaptado. Hoje em dia a atleta não compete mais e decidiu fazer por outros o mesmo que fizeram por ela. Rosinha está construindo uma Instituição chamada Associação Rosinha Santos, que visa ingressar jovens em equipes de alto rendimento no esporte adaptado. Atualmente a Associação possui apenas uma equipe de atletismo que alto rendimento, com cinco atletas na equipe se preparando para os próximos Jogos Paralímpico, tendo Rosinha como sua principal técnica



Figura 2: Rosinha Santos, treinando arremesso de peso. Nesta foto e na foto de Jonas Licurgo acima, podemos ver também a cadeira para prender os atletas, utilizada pelo atletismo, como menciono no texto. (Google imagens)

O projeto está se ampliando cada vez mais, e o objetivo é expandir para outros esportes além do atletismo. Ainda não possui uma sede própria da associação, os treinos são conduzidos por Rosinha no Mato Alto, que se localiza no bairro de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Instituições devidamente apresentadas, pretendo mostrar a seguir um mapa que destaca os lugares no Rio de Janeiro onde se localiza cada uma das Instituições que mencionei acima.

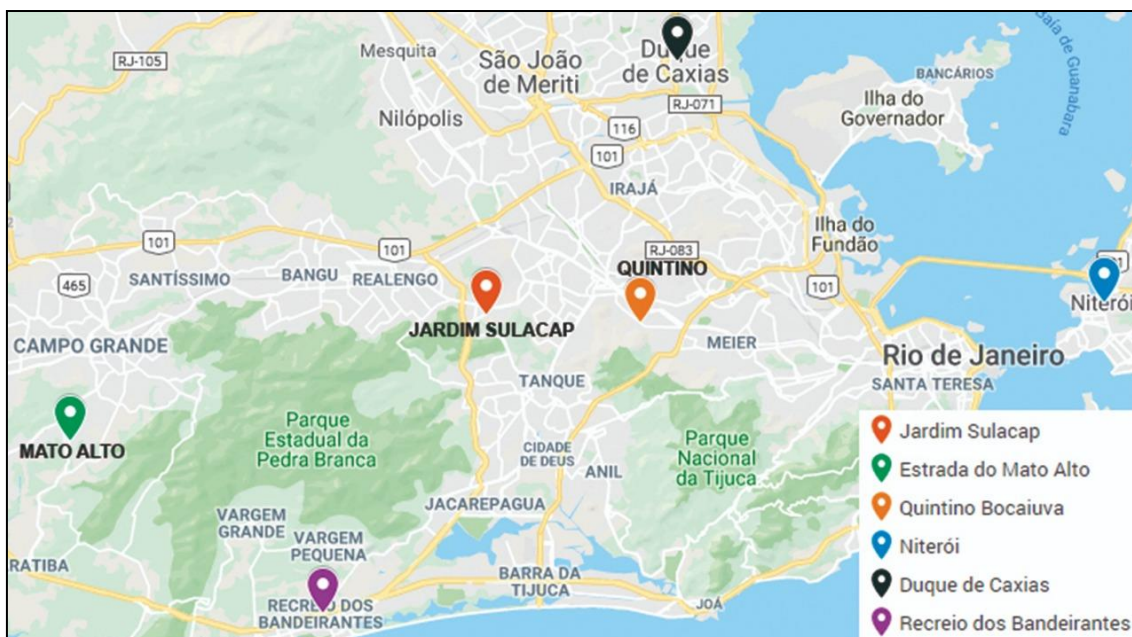


Figura 3: Mapa das Instituições do estado do Rio de Janeiro.

Após a visita da Associação Rosinha Santos, apresentei pela primeira vez minha pesquisa em uma reunião do NEPESS (Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Esporte e Sociedade). Após algumas idéias trocadas com meus colegas sobre qual recorte deveria escolher, finalmente decidi onde poderia me focar. Um fato interessante sobre as Instituições facilitou se certa forma escolher meu recorte. Dentre todas, apenas três trabalhavam com esporte voltado para pessoas com deficiência física, sendo todas as outras voltadas para pessoas com deficiência intelectual. Estas seriam: A ADEZO, A Associação Rosinha Santos e o Tijuca Tennis Clube.

O Tijuca Tennis Clube, porém, tinha uma base mais fundamentada na Natação, já a ADEZO e a Associação Rosinha Santos tinha um foco maior no Atletismo. Além disso, os resultados mostrados pela planilha que irei apresentar nos resultados da pesquisa, mostram que ambas possuem uma equipe de alto rendimento de atletismo, sendo a equipe da ADEZO composta majoritariamente por homens, e da Rosinha Santos, majoritariamente por mulheres. Penso que seria um contraponto interessante para se analisar, visto que pretendo trabalhar, como apresentarei posteriormente, com a questão de gênero apresentada em ambos os locais.

Sendo assim, defino aqui meu objeto de pesquisa: pretendo trabalhar aqui com a equipe de alto rendimento de atletismo da ADEZO e da Associação Rosinha Santos. Pretendo, primeiramente, analisar alguns aspectos que achei relevante durante as minhas observações em campo. Como não havia tempo suficiente para analisar profundamente todos estes aspectos, pretendo falar sobre eles, pois não poderia concluir a pesquisa sem

falar sobre as mesmas, e mais profundamente pretendo tocar na questão de gênero, que apareceu mais profundamente para mim ao longo da minha estadia em campo.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Este tema me assombra desde o início da minha graduação. Confesso que tive, e que ainda tenho, muita dificuldade no que diz respeito a obrigatoriedade da descrição dos métodos e técnicas utilizados ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Como trata-se de assunto que tenho dificuldade, me proponho a analisá-lo em partes, para assim me fazer entender da melhor forma possível.

Entendo perfeitamente a relevância de mostrar o percurso feito pelo pesquisador durante o campo, o que Malinowski (1922) chamaria de “sinceridade metodológica”, em seu livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*, onde faz a crítica a alguns antropólogos que em alguns casos “nenhum capítulo, nem mesmo um parágrafo especial é dedicado à descrição das condições em que foram feitas as observações e colhidas as informações.” (MALINOWSKI, 1922, p. 26). É de suma importância percorrer o caminho pelo qual a pesquisa foi construída, não somente para que não haja o questionamento da veracidade da mesma, mas também para demonstrar sob quais perspectivas o antropólogo pensou tais questões apontadas durante o trabalho de campo. Contudo, creio que, como um bom exercício antropológico, deve-se levantar questões até mesmo quando se diz respeito a algo que é considerado tão “dado” assim em pesquisas no geral. A análise da metodologia e dos métodos utilizados na pesquisa é um dos pilares principal de seu desenvolvimento, sendo assim, pretendo apresentar também os questionamentos no que diz respeito a este tema.

A pesquisa se iniciava com o objetivo de encontrar lugares no Rio de Janeiro onde se praticavam esporte adaptado, e montar uma planilha com informações específicas sobre estes lugares para ser divulgada, visto que a visibilidade do mesmo era muito baixa, dificultando assim o levantamento de dados destes locais, como citei anteriormente na introdução desta pesquisa.

Meu orientador me sugeriu de antemão pensar na técnica de observação que usaria em campo. Me sugeriu então utilizar e ler sobre a técnica que Magnani (2002) chama de “de perto e de dentro”, desenvolvido especificamente para etnografias urbanas, onde contrapõe em seu artigo com o método que chama de “de longe e de fora”. Magnani diz que “há uma gama de práticas que não são visíveis na chave da leitura da política”, por isso a necessidade de uma observação menos ampliada, para entender melhor os emaranhados complexos de redes de sociabilidade existentes nos ambientes comuns à uma vida cotidiana urbana.

Estava certa desde então que era isso e apenas isso o necessário para realizar uma boa pesquisa etnográfica, mas com o tempo, comecei a perceber que não era apenas isso. Ter em mente esta ideia causa a impressão que a pesquisa etnográfica é algo contínuo, fluído, sem fases e momentos diferentes, onde se é necessário mudar a perspectiva e se utilizar de várias técnicas de acordo com a necessidade exigida em campo. Isso se dá pelo fato de tratar a descrição da metodologia apenas como uma obrigação que precisa estar presente em um trabalho etnográfico, sem se questionar sobre, como mencionei acima.

A primeira vez que percebi isto foi em uma reunião de orientação, onde estava apresentando meu trabalho e recebendo comentários para ajudar na complementação de minha pesquisa. Meu orientador apontou para o fato de eu ter simplesmente jogado como técnica de pesquisa “de perto e de dentro”, sem nem ao menos me questionar sobre todo o resto. No primeiro momento me prendi a explicação dada pelo meu orientador do porque disso: porque fazia sentido. Nada fazia mais sentido para se encaixar na minha pesquisa do que “de perto e de dentro”, visto que de cara eu pensei “não tem como em hipótese alguma eu estar usando qualquer outra técnica que não seja esta. Meu orientador ainda explicou que, por não se encaixar dentro de tudo o que Magnani atribuiu a esta técnica, poderíamos considerar como uma “variação” do que foi proposto por Magnani, o que não me parecia tão satisfatório nem para mim, nem para atender as obrigações exigidas para a entrega de um TCC. visto que uma parte dele deve ser inteiramente dedicada a elaboração e aplicação de metodologia e técnicas de pesquisa utilizadas.

O meu segundo *insighting* sobre o assunto foi durante as aulas de uma matéria que cursei com meu orientador durante a pesquisa. Em uma dinâmica de debate criada pelo meu professor, ele lançou a seguinte questão: qual técnica de pesquisa foi usada por Don Kulick? (autor do livro *Travesti*, no qual estávamos debatendo no momento.) Estava pronta para responder que não era observação participante, mas após ouvir outros diferentes argumentos que sustentavam tanto ser ou não ser de fato observação participante, me questionei sobre a consistência dos argumentos sobre o assunto. E se, em alguma medida, eu poderia usar aqueles mesmos argumentos para dizer que estava de fato usando também na minha pesquisa a observação participante. Decidi então voltar a pensar sobre minhas técnicas de pesquisa no meu TCC e procurar por textos que pudessem me ajudar ou a encontrar respostas para o que estava me perguntando ou a descobrir que não existe uma resposta para estas perguntas.

Pensei muito sobre o fato, o que eu estaria fazendo na minha pesquisa? Como estou observando? Estou utilizando observação participante? Ou estaria utilizando “de perto e de dentro”?

No que diz respeito a observação participante, eu poderia usar textos que embasassem ambos os pontos de vista: que o estou utilizando e que não o estou utilizando, mas antes precisaria definir o que é observação participante. Em um artigo elaborados pelos professores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Departamento de física: Universidade Federal de Goiás e Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, os mesmo fizeram um compilado de textos de autores que definiram de diversas forma a observação participante. Citarei três delas. A primeira seria “a observação participante inscreve-se numa abordagem de observação etnográfica no qual o observador participa ativamente nas atividades de recolha de dados, sendo requerida a capacidade do investigador se adaptar à situação” (MÔNICO ET AL, 2017 *apud* PAWLOWSKI, 2016).

Esta é a definição base para iniciar o texto dado pelos autores, em seguida citam que “are searcher participates as a member of the group tha the or she is studying. Sometimes the researcher informs the group that he or she is an observer as well as a participant, and sometimes the researcher pretends to be an ordinary member (MÔNICO ET AL, 2017, *apud* VOGT, 1999).

E a ultima que escolhi para trabalhar é

A observação Participante é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Requer a necessidade de eliminar deformações subjetivas para que possa haver a compreensão de factos e de interações entre sujeitos em observação, no seu contexto. É por isso desejável que o investigador possa ter adquirido treino nas suas habilidades e capacidades para utilizar a técnica. (Mônico et al *apud* Correia, 1999:31).

As três citações acima descrevem o ponto de vista de diferentes autores sobre o que seria a observação participante. Contudo, se opõem ao que a autora Favret-Saada define como observação participante. Analisemos então o texto de Favret-Saada, “ser afetado”. Neste artigo, a autora começa fazendo uma crítica sobre os estudos de feitiçaria realizados até o momento, questionando as técnicas utilizadas pelos antropólogos que se propuseram a estudar a feitiçaria, consideradas “insuficientes” para a autora. A autora cita que “Os antropólogos anglo-saxões pretendiam, ao menos, pôr em prática a ‘observação

participante’. Levei um certo tempo para deduzir dos seus textos sobre feitiçaria que conteúdo empírico podia-se atribuir a essa curiosa expressão” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 156).

De fato, a primeiras perguntas que me surgiram foram: o que pode então ser considerado participação ? Qual nível de participação é necessária para ser considerado “observação participante”? “Poderia estar fazendo observação participante em algum nível na minha própria pesquisa?” Os antropólogos que, assim como cita Favret-Saada, afirmaram estar fazendo observação participante o fizeram de fato?”

Mais adiante no texto, a autora critica a observação participante relatado por antropólogos que ainda faziam a “antropologia de gabinete” ou que se utilizavam principalmente de um informante para a realização da pesquisa:

“Ora, o primeiro comportamento não pode de forma alguma ser designado pelo termo “participação” (o informante, ao contrário, é quem parece ‘participar’ do trabalho do etnógrafo); e, quanto ao segundo, ‘participar’ equivale à tentativa de estar lá, sendo essa participação o mínimo necessário para que uma observação seja possível.” (Favret-Saada, 2005:156)

A autora faz uma crítica ao que era denominado “observação participante”, e me perguntei se cabia dentro desta crítica. Pois eu “estava lá” para fazer uma observação, como a autora menciona ser o mínimo necessário, mas não necessariamente significava que eu estava fazendo uma “participação”. Por outro lado, temos como exemplo a autora Florence Weber (1958), em seu livro “Trabalho fora do trabalho” defende que uma pesquisa etnográfica se caracteriza como “uma investigação aprofundada que repousa sobre uma inserção de longa duração do pesquisador em um meio social.” (Weber, p. 25), onde o antropólogo “está lá” integralmente ou pelo menos parcialmente convivendo com os nativos. Com isso, a autora considera que seja impossível não haver participação.

Após refletir sobre o assunto, rompi com a ideia de que precisava necessariamente sustentar do início ao fim minha pesquisa sobre apenas um método de observação. Ainda que não atendessem a tudo o que se engloba dentro do conceito de “de perto e de dentro”, de Magnani, ainda era o conceito mais próximo do que estava fazendo também em campo. Contudo, durante alguns outros dias, observei de dentro do campo de treinamento a interação entre os atletas, pois me foi permitido ajudar no treino indo buscar os pesos, dados e discos que foram lançados e arremessados pelos mesmos. Neste momento, ainda que a participação não fosse algo que os atletas tenham me cobrado para realizar a pesquisa, fazê-la me deu uma oportunidade de ouvi-los para além das entrevistas. Posso

defender, assim sendo, que em questão de técnicas de observação, utilizei ambos, além das que irei comentar a seguir.

O primeiro contato que tive com atletas e técnicos no início de minha pesquisa foram as entrevistas, assim como descrevo na introdução. Assim que fui visitar os locais nas primeiras visitas, não observei tanto, apenas estava preparada com meu caderno de campo, onde haviam algumas perguntas premeditadas, nas quais achava que seriam pertinentes. Meu professor já havia me orientado de como seria a melhor maneira de fazer essas entrevistas. Tomar muito cuidado com como se formula a pesquisa, procurando ser o mais neutro possível, de modo que não interfira na resposta de quem se está entrevistando.

A autora Florence Weber adverte sobre os perigos das entrevistas em uma pesquisa de campo. Para Weber defende que um dos riscos das entrevistas é:

receber as respostas que não seriam senão o espelho das questões e das expectativas do pesquisador. Para além do fato de que, ao longo de uma pesquisa por questionário, o pesquisado procure agradar o pesquisador, inventando respostas que, em seu entender, deverão satisfazê-lo (Weber, 2009:29).

É um dos riscos de fato, por este motivo, procurei me manter o mais neutra possível durante a formulação das perguntas. Algumas dessas entrevistas foram feitas via rede social, algumas pelo *Facebook* e *WhatsApp*. Nesses casos, talvez por estar em um nível de estresse por nervosismo muito menor do que estava quando entrevistava pessoalmente, as entrevistas corriam de forma mais fluída, misturando-se entre os assuntos fatos cotidianos que ocorrem com todos nós no dia a dia.

As entrevistas também me deram a oportunidade de levantar uma questão sobre a ética do trabalho de campo, no que diz respeito ao anonimato. No início da pesquisa, estava certa de que precisava necessariamente sem refletir sobre isto, usar pseudônimos para esconder os nomes dos atletas que foram entrevistados e observados por mim durante a pesquisa. Acreditei ser uma questão ética, que tinha como objetivo resguardar a história de vida destas pessoas. Durante minhas entrevistas, sobretudo, sempre que ia começar a gravar avisava “não se preocupa, irei usar um pseudônimo para encobrir seu nome”.

Em todas as entrevistas que fiz em minha pesquisa, sem exceções, todos os entrevistados me responderam “não há necessidade, pode colocar meu nome”. Uma das entrevistadas até me respondeu “se precisar apresentar a pesquisa até me chama que

estarei lá”. Nunca tinha tomado isso como dado da pesquisa, mas após fazer um diálogo com a autora Claudia Fonseca, pude analisar a situação de outra forma.

Para começar, eu estava trabalhando com dois atletas que eram figuras públicas, nas quais suas histórias eram de conhecimento público, pois ambos já haviam sido entrevistados por diversos jornais esportivos, bastava pesquisar seus nomes no *Google*, e de imediato saberiam de quem estou falando. Mas, além disso, a autora Claudia Fonseca defende que

“devemos reconhecer que o anonimato não é necessariamente visto como sinal de respeito. Pelo contrário, mascarar nomes de pessoas ou de determinada comunidade pode trazer a mesma impressão que trazem os rostos borrados ou as tarjas pretas cobrindo os olhos que vemos em filmes e fotos de jovens infratores. Parece designar justamente as pessoas que têm algo para esconder. [...] Tal política discriminatória serviria apenas a reforçar os estereótipos que procuramos questionar (Fonseca, 2010:209).

Atentei-me para o fato de que o motivo pelo qual os atletas pediam para não usar pseudônimos seria justamente pelo fato de eles, muito melhor do que eu, entendiam esta questão e viam em minha pesquisa a oportunidade de tirá-los da margem a qual se encontram. Ora, se o objetivo da minha pesquisa é fazer uma crítica a marginalização das pessoas com deficiência e a pouca visibilidade dos esportes adaptados, não faria o menor sentido encobrir seus verdadeiros nomes e por consequência, suas conquistas.

A autora Florence Weber defende o uso do anonimato em suas pesquisas, pois diz que “cria uma distância cada vez mais necessária” (WEBER, 2009, p.13), enquanto Claudia Fonseca questiona “Por que o pesquisador quer se distanciar dos informantes deste jeito?” (FONSECA, 2010, p. 210).

A autora diz que este “mascaramento de identidade é inconsistente com as simpatias do pesquisador a favor dos integrantes do grupo” (FONSECA, 2010). Sendo assim, utilizar nomes fictícios no caso da minha pesquisa, apesar de ser considerado uma medida ética, seria não só antiético, mas também contra tudo o que minha pesquisa se propõe a fazer.

Para além disso, o próprio fato da entrevista apresentar os riscos apontados por Florence Weber, o mesmo pode ser tomado como dado etnográfico. Uma das questões analisadas por mim na pesquisa só foi possível observar justamente porque havia uma contradição entre o que foi dito a mim durante as entrevistas e o que pude observar. Deste modo, acredito que apesar dos riscos, as entrevistas foram de extrema importância para a construção desta etnografia, pois foi capaz de construir dados cruciais para seu

desenvolvimento. Contudo, acredito que se esta pesquisa fosse realizada somente tendo a entrevista como base, teria sido um fracasso total. Para que isso não ocorresse, utilizei também outros métodos de pesquisa.

Após algum tempo de campo, escolhi as duas instituições nas quais iria trabalhar: A ADEZO e a ASSOCIAÇÃO ROSINHA SANTOS como citados acima. A partir deste momento, apesar de ainda fazer algumas perguntas ao longo da pesquisa, não utilizei mais a entrevista. Apenas utilizei métodos de pesquisa etnográfico chamado por Weber de “estar com” e “observar, ouvir”. Irei comentar sobre ambos também

Começando por “observar, ouvir”. Assim como eu, muitos antropólogos no começo de sua carreira lêem textos tidos como referência que mencionam a importância do olhar e do ponto de vista do antropólogo. Textos estes que no seu início mencionam que este é um tema na antropologia bastante “visitado e revisitado por membros da nossa comunidade profissional” (OLIVEIRA, 1998, p. 17). Cardoso de Oliveira (1998) em seu livro *O trabalho do antropólogo* fala sobre a importância do olhar, do ouvir e do escrever. Florence Weber diz que

“observar e escutar as pessoas, e não interrogá-las, para preservar suas iniciativas de classificação e o domínio sobre suas palavras. Se a construção de um conceito sociológico deve passar pela crítica das premissas, este é um trabalho que o pesquisador deve fazer consigo próprio, antes de mais nada. Isto não deve eximi-lo de estar atento as noções dos nativos: ao contrário, é justamente da confrontação entre suas próprias classificações a priori e as classificações nativas que pode nascer um instrumento de conhecimento. [...] (Weber, 2009:27)

Muitas das questões levantadas no trabalho foram fruto da observação feita em campo. De fato, se levarmos em consideração que a antropologia parte do ponto de vista nativo, segundo Geertz (1997), em seu livro *O saber local*, onde há a necessidade de fazer o exercício de “deixar de lado nossa concepção, e buscar ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção” (GEERTZ, 1997, p. 91), podemos perceber a importância que ambos tem em uma pesquisa.

A autora Florence Weber coloca como centro das pesquisas a necessidade de ouvir o ponto de vista nativo, e levá-lo muito a sério, e acredita que:

todo discurso, toda representação analisada é um discurso nativo. [...]. O pressuposto de ouvir sem interrogar obriga igualmente a se levar em conta algumas variações linguísticas, tanto lexicológicas quanto sintáticas, segundo as classes e os lugares, e seu significado social. [...] Este princípio de escuta, inclusive em suas implicações sócio linguísticas, é finalmente uma modalidade do princípio de observação

constitutivo do método etnográfico que permite atingir simultaneamente as práticas e as visões de mundo dos nativos. (Weber, 2009:28-29)

Contudo, não é apenas ouvir e descrever o discurso nativo. A autora diz que:

“levar a sério os conceitos nativos não quer dizer - sob pretexto de fidelidade - retomá-los integralmente num primeiro nível de análise, sem um olhar crítico sobre seu poder de manipulação ou de ocultação. Levá-los a sério significa ser capaz de ouvi-los e analisa-los e não se render diante deles, como se fossem os únicos autênticos. (Weber, 2009:28)

Podemos utilizar aqui também uma passagem de Malinowski (ano), onde diz que:

[...] Há uma forma de interpretação dos fatos sem a qual não se pode desenvolver nenhuma observação científica. Refiro-me à interpretação que descobre as leis gerais na infinita diversidade dos fatos; que distingue o essencial do irrelevante, que classifica e ordena os fenômenos, relacionando-os mutuamente. Sem tais interpretações, todo trabalho científico de campo degenera em um simples colecionamento de dados. (Malinowski, 1986:143).

É nesse sentido que acredito que consiste a importância do conceito de antropologia de Geertz quando diz que a pesquisa precisa “partir” do ponto de vista como base, onde é necessário também a interpretação deste discurso. Neste ponto também que acredito que reside a maior importância deste método.

O segundo conceito de método etnográfico descrito por Florence Weber que pretendo comentar, que também tomei para mim no processo de desenvolvimento da pesquisa é o chamado “estar com”. A autora diz que

“Caso se queira além disso, aprender a dinâmica das relações sociais que fundam o espaço social estudado, a observação por si só não será suficiente. Impõe-se, assim, uma reflexão acerca do sentido da longa presença contínua do pesquisador em campo, ou melhor, dentro do campo: ‘estar com’ os nativos e analisar a relação que se instaura a partir de então entre pesquisador e nativos.” (Weber, p. 30).

Deste modo, Weber diz que, além da observar e ouvir, é importante a relação de construção da convivência entre antropólogo e nativo. Muitos outros autores defendem que para a realização de uma pesquisa etnográfica, é necessário conviver com os nativos. Não é por menos que é celebrado até hoje a obra de Malinowski *Argonautas do Pacífico*

Ocidental, pela predisposição do autor se deslocar até a Ilha de Trobiand e conviver com os nativos, afim de aprender sobre seus costumes. Ainda nos dias atuais, quando se trata de metodologia em antropologia, precisa-se revisitar Malinowski.

Contudo, Weber propõe uma consequência dupla para este método, que gera consequentemente a dimensão de auto-reflexão em uma pesquisa etnográfica. Para além da alteridade, que é uma efeito importante causado no fazer antropológico, a autora defende que, em uma pesquisa etnográfica, o próprio aprendizado do pesquisador é fundamental. Com isso, Weber defende que “é necessário começar tomando uma certa distância dos nativos (WEBER, 2009, p. 30), desde que se compreenda que um “desconhecido” em um meio social, como um antropólogo, também será observado e causará interpretações sobre o mesmo, e passará por um processo de aprendizado. A autora defende que:

“Por intermédio das dificuldades de sua posição – ligadas não somente à sua condição de pesquisador intelectual, mas vivenciadas, em parte, por qualquer recém-chegado -, passa assim por um verdadeiro aprendizado social. É neste sentido que qualquer pesquisa comporta uma dimensão de auto-análise.” (Weber, p. 32)

Como eu já havia citado, quando ingressei no projeto de iniciar a pesquisa, não fazia a menor ideia do que se tratava. Não conhecia nada sobre esportes, muito menos sobre esporte adaptado. Havia uma distância significativa entre eu e meu objeto de pesquisa, o que para a antropologia, pelo menos segundo Weber, é necessário. Neste sentido, o aprendizado sobre o meu campo e meus nativos foi uma consequência fundamental para a produção desta pesquisa, e no que diz respeito a dimensão de auto-análise, não somente por não ter tido até então o menor contato com meu campo, mas também por ter realizado pela primeira vez uma pesquisa etnográfica, essa dimensão em especial transborda as margens da auto-análise no que diz respeito apenas ao meu campo, mas para além, em um aprendizado do fazer antropológico, e enquanto a construção de um “eu” como antropóloga.

Isto posto, creio que apesar de ter outros vários autores que defendem a mesma ideia de Weber, a autora representa de melhor forma uma análise na qual eu pude espelhar meu trabalho etnográfico.

Enquanto escrevia este capítulo, obtive uma resposta de meu professor, onde me alertava do perigo de estar quase tentando separar os métodos e encaixando em cada momento da pesquisa, quase como se eu estivesse separando em caixas diferentes cada método utilizado.

Não era essa minha intenção, e espero não ter cruzado a linha do “quase”. Meu objetivo aqui era ser o mais pedagógica possível, não somente com quem irá lê-lo, mas também para mim mesma.

Como havia mencionado no início, tenho uma imensa dificuldade quanto a questão da metodologia, não somente porque, assim como me diz meu orientador quando me vejo desesperada em um dilema, nada na antropologia é fácil, mas também porque a mesma nos obriga a sermos vigilantes com relação a cada detalhe seu.

Além disso, espero explicar da melhor maneira também meus dilemas dentro do trabalho de campo, e como cada pedaço desta foi se construído a partir dos conceitos metodológicos que foram usados como base de minha pesquisa. Meu objetivo no geral era demonstrar como se deu o processo de construção da pesquisa, e como a teoria metodológica, unida à prática foi importante para este processo.

A forma como escolhi fazê-lo foi importante também para minha própria formação como etnógrafa, tentando formatá-lo de forma que ficasse claro para mim todo o processo, pois existe um abismo enorme que separa o que se é vivenciado, e como se pode escrever sobre o que é vivenciado. Desta forma, tento fazê-lo da melhor forma possível.

CAPÍTULO 3

ALGUNS ASPECTOS SOBRE O CAMPO

Nos capítulos anteriores, tentei explicar os caminhos que tomei durante a pesquisa para chegar até aqui. O esforço que tive para fazer o mesmo tinha como objetivo guiar o autor até os resultados que irei expor e discutir daqui por diante. Alguns pontos dos assuntos que irei desenvolver aqui já foram pincelados na introdução. O motivo para eu escolher estruturar meu trabalho de tal forma é por precisar definir uma questão central

para desenvolver mais profundamente no meu TCC, mas também não posso deixar passar todos esses fatos sem ao menos fazer uma discussão breve sobre os mesmos.

Como havia explicado na introdução deste trabalho, o objetivo das minhas visitas a todos estes lugares era o de construir uma planilha para ser divulgada com as informações sobre cada um destes, para que facilitasse o acesso aos mesmos. Contudo, além disto, serviu também para que a partir desta planilha, surgissem alguns questionamentos que pudessem ser trazidos para o desenvolvimento de uma pesquisa antropológica.

Antes de apresentar a planilha, acho pertinente apresentar as perguntas que articulei para construí-la, para que seja de mais fácil entendimento ao analisá-la. Acho também importante explicar que não impus um padrão para as respostas. Preenchi os campos da planilha exatamente com as respostas que obtive das perguntas que fiz.

As perguntas para a planilha foram as seguintes:

- 1) Quais as modalidades trabalhadas no local e para qual tipo de deficiência?
- 2) Qual a quantidade de pessoas que praticam esporte no local?
- 3) Qual a faixa de idade das pessoas que praticam esporte no local?
- 4) Estas pessoas já participaram das Paralimpíadas Escolares? (no caso de serem crianças ou adolescentes.)
- 5) Qual o sexo das pessoas que praticam esporte no local?

Isto posto, as respostas que obtive das perguntas originaram a planilha a seguir:

TABELA 1 – PLANILHA DE MAPAEMENTO DE ESPORTE ADAPTADO (RJ)	
INSTITUIÇÃO	MODALIDADE
APABB	Atletismo, natação, vôlei, basquete e bocha
TIJUCA TÊNIS CLUB	Bocha e natação
FUNDEC	Atletismo, natação, futsal, basquete, bocha e judô
ACQUA FITNESS	Natação
FAVO DE MEL	Futsal, basquete, tênis de mesa, natação, vôlei e atletismo
CEDEP (ADESO)	Atletismo, natação, handball, basquete, vôlei, tênis de mesa e Rugby
APAE TIJUCA	Futsal
A. ROSINHA	Atletismo

QUANTIDADE DE ATLETAS	TIPOS DE DEFICIÊNCIA
------------------------------	-----------------------------

EM TORNO DE 30 ATLETAS	INTELECTUAL
EM TORNO DE 30 ATLETAS	FISICA, INTELECTUAL E VISUAL
450 ATLETAS	INTELECTUAL
30 ATLETAS	INTELECTUAL
30 ATLETAS	INTELECTUAL
50 ATLETAS	FISICA E INTELECTUAL
15 ATLETAS	INTELECTUAL
4 ATLETAS	FISICA

FAIXA ETÁRIA
5 Crianças, Em torno de 10 Adolescentes e 10 Adultos.
Em torno de 10 Idosos, 25 Jovens e 5 Crianças
A partir de 5 anos de idade
De 7 à 44 anos
De 15 à 38 anos
De 19 à 50 anos
De 20 à 40 anos
De 20 à 40 anos

Com esta planilha, Foi possível observar os seguintes dados:

- Ainda que varie de local para local, na maior parte das instituições (com exceção de uma) nota-se a presença constante da prática de quatro esportes específicos: basquete, bocha, natação e atletismo. De acordo com a resposta de três

SEXO	
5 meninas	Em torno de 25 meninos
Em torno de 9 mulheres	Em torno de 21 homens
Quantidade maior de atletas masculinos	
15 mulheres	15 homens
2 atletas femininas	28 atletas masculinos
Quantidade maior de atletas masculinos	
Apenas atletas masculinos	
3 mulheres	2 homens

entrevistados em campo, essa constante destes esportes se dá pelo fato destes, em comparação a outros, terem uma visibilidade maior. Os técnicos (ou treinadores) destes locais se utilizam dessa visibilidade como um incentivo na inserção de jovens e crianças no esporte adaptado. Além disso, um dos entrevistados afirmou

que a presença constante do atletismo e da natação acontece pela maior facilidade de patrocínio de esportes individuais.

- A maioria dos locais presentes na planilha, com exceção de três, trabalham essencialmente com deficiência intelectual. Os únicos locais na planilha onde se pratica esporte adaptados com pessoas com deficiência física são: um clube privado e mantido pelo dinheiro dos sócios deste clube (no caso do esporte adaptado, mantido com o pagamento mensal dos pais das crianças e jovens que praticam esporte neste local.), a Associação mantida pelos esforços de Rosinha Santos, e por ultima, uma Associação criada e mantida com o dinheiro de atletas de alto rendimento.
- O que ficou bem claro logo de início foi a quantidade absurdamente distinta de homens e mulheres praticando esporte nestes locais. Esta diferença (com exceção de um dos locais que aparece nesta planilha), é de, na maior parte dos casos de 1/3 de mulheres destes locais, onde a maioria delas praticam quase em todos os casos o mesmo esporte: bocha, natação ou atletismo. No local onde se pratica apenas futebol, não existe a presença de absolutamente nenhuma mulher.

Destas questões que apareceram, pretendo tocar com menor profundidade na questão dos esportes que aparecem constantemente, de sua maior visibilidade e porque, partindo sempre das entrevistas e observações. Além disso, gostaria também de falar um pouco sobre uma questão que refleti muito antes de incluí-la no trabalho, mas que apareceu para mim diversas vezes, de maneira tão forte, que penso que seria uma pena pelo menos não comentar neste tópico. Já havia mencionado anteriormente sobre a forma como se tratam os atletas e técnicos, e como é um aspecto marcante do meu campo, e decidi por fim que merece um pouco de atenção.

3.1. – O “COITADISMO” NO ESPORTE ADAPTADO

Na introdução, comentei um pouco sobre o impacto causado pela forma como os atletas e os técnicos se tratam, e como a forma de linguagem dos mesmos pode ser um pouco estranha ou soar desrespeitoso para os mesmos. Contudo, dentro do campo que pesquisei, e até segundo relato de experiências também do meu professor, pretendo mostrar aqui como estas formas de tratamento pode ter um efeito contrário nos atletas paralímpicos.

Em uma matéria que cursei com meu orientador chamada “antropologia das emoções” no meu último período, período este que estava terminando de escrever minha monografia, precisei fazer um trabalho que refletisse sobre alguma questão ligada à antropologia das emoções. Por sugestão de meu orientador, decidi escrever sobre a ideia de “compaixão” que cerca os atletas paralímpicos. Achei um tema interessante, mas já havíamos conversado sobre o tema em diversas outras oportunidades, e como isso gerava a impressão de que eram “coitadinhos”.

Para quem convive de alguma forma com atletas paralímpicos percebe que esse “coitadismo” possui uma conotação negativa, e que, como citei acima a situação da minha entrevista com Menesclau, segundo o mesmo, para ser atleta, precisa abandonar esta ideia. Pretendo tocar um pouco no que diz respeito essa questão, pois me apareceu de forma tão clara que seria quase um insulto ao meu campo não mencioná-la no meu trabalho. Como havia dito, não tinha o objetivo de falar sobre até o último momento, apesar de achar uma questão que me inquietava há alguns tempo, inclusive em discussões em outras matérias com meu orientador. Sendo assim, pretendo desenvolver a questão.

A questão em si foi pensada pela seguinte maneira: durante a primeira entrevista que tive com os atletas citados acima, Rosinha e Licurgo, pude perceber que havia na estrutura do discurso de ambos uma similitude, que tinha o objetivo de causar comoção em quem ouvisse, e tive de início a impressão de ser um discurso “ensaiado”, por assim dizer, que foi se quebrando a partir do momento que deixei explícito que meu trabalho de nada tinha a ver com reportagens esportivas ou algo do tipo. Após explicar “é uma entrevista pro meu TCC, eu preciso pra me formar”. Não que ambos não haviam sentido de fato aquelas emoções, visto que os dois sofreram acidentes que os levaram a perder um membro ou o movimentos de ambas as pernas (o que irei explicar na apresentação dos discursos durante o desenvolvimento do trabalho), mas podia ser observado que durante a entrevista, ganhava muito mais ênfase as frases que remetiam ao sentimento de comoção, e se repetiam durante toda a primeira entrevista,

Após chegar em casa, e pesquisar em sites esportivos matérias e entrevistas sobre alguns atletas paralímpicos mais famosos, percebi que se repetiam as mesmas frases de efeito utilizadas pelos atletas na entrevista que obtive. As mesmas palavras e frases com o objetivo de criar o mesmo efeito se repetiam em todas as manchetes encontradas (irei dar exemplo também no desenvolvimento do trabalho). Mas o ponto chave para me levar a pensar essa questão, foi o fato de que, durante minhas observações em campo e

entrevista com atletas que não tinham o mesmo contato com a mídia quanto ambos citados, o discurso que aparecia era completamente oposto: não se tratavam durante os treinos com nenhum “coitadismo” e não admitiam também que outras pessoas o vissem como tal. Percebi que poderia então haver uma relação entre o discurso construído pela mídia em torno do sentimento que “deveríamos” sentir para com as pessoas que praticam esporte adaptado.

Se olharmos nos site esportivos, ou pesquisarmos entrevista de atletas paralímpicos no *Youtube*, de certo encontraremos algumas palavras chaves ligadas à história dos mesmos.

O site *Hypeness* publicou uma lista de 12 atletas paralímpicos que competiram e saíram vitoriosos nos Jogos Paralímpicos. A matéria é estruturada da seguinte forma: uma lista numerada de 1 a 12, com fotos de cada um dos atletas citados, e a descrição da foto com informações sobre as deficiências que possuíam, os esportes que praticavam e as conquistas que obtiveram. Deste modo, as matérias são estruturadas de forma que antes de apresentar suas conquistas, seja relatado primeiro suas dificuldades enfrentadas devido sua deficiência, usando em praticamente todos os textos a figura de linguagem antítese em sua estrutura, seguida de expressões como “apesar disso” ou “mesmo com isso”, e ainda “isto não foi capaz de detê-la”, acrescentando à narrativa uma ideia de superação, como mostra o trecho abaixo:

“Em 1944, quando tinha 23 anos, a dinamarquesa Lis Hartel perdeu os movimentos dos joelhos para baixo por causa da poliomielite. Mesmo assim, continuou praticando equitação. Nos Jogos de Helsinki, em 1952, ela se tornou uma das primeiras mulheres aceitas na competição com os homens e fez bonito: mesmo precisando de ajuda para montar e desmontar, voltou para casa com uma medalha de prata.”⁴

Do mesmo modo, uma matéria divulgada no Youtube sobre atletas paralímpicos feita pelo SBT, publicada pelo canal oficial do SBT Rio em 12 de janeiro de 2016, tem como chamada a seguinte frase “A emocionante história de dois atletas paralímpicos”.

Começa o video com o apresentador falando “desistir nunca passou pela cabeça desses dois atletas.”, mais uma vez, acrescentando a narrativa a ideia de superação. Usando também como exemplo a matéria feito pelo Repórter Rio, publicada no Youtube pelo canal Tvbrasil em 6 de junho de 2016, conta a história de um de meus personagens,

⁴ <https://www.hypeness.com.br/2016/09/atletas-paralimpicos-que-disputaram-olimpiadas/>

Jonas Licurgo, as vésperas dos Jogos Paralímpicos no Rio. A chamada do vídeo é “conheça a história de Jonas Licurgo, o sargento da PM que vai competir nos Jogos Olímpicos”.

O mesmo se repete com um vídeo publicado no *Youtube* pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, em 20 de março de 2015, em homenagem a sua comemoração de 20 anos, sob a *hashtag* “CPB20anos”, contando a grande história de superação de Rosinha Santos, e o que o esporte trouxe para sua vida.

Se analisarmos todas estas matérias, possuem a mesma estrutura: começam focando na história de vida destes atletas, especialmente nas dificuldades enfrentadas pelos mesmos, logo em seguida, utilizam expressões que dão a matéria o sentido de superação destes atletas, e terminam com as vitórias conquistadas.

A autora Catherine Lutz em seu artigo onde discute sobre a questão de gênero nas emoções, cita um termo desenvolvido por Rosaldo (1977), chamado de “retórica do controle”. A autora explica que isso seria:

“quando as pessoas são chamadas a falar sobre as emoções, um dos mais comuns grupos de metáforas usados é aquele no qual alguém ou alguma coisa controla, manuseia, lida, disciplina ou gerencia suas emoções ou a situação entendida como criadora das emoções (Lutz, s/p).

Poderíamos então, a partir desse conceito explicado pela autora, pensar que o discurso da mídia nas reportagens em relação aos atletas paralímpicos, exerce um tipo de “retórica do controle” a partir da antítese para condicionar as emoções e criar esse efeito de compaixão para os mesmos. Seria o que mais pra frente a autora chama de “estratégia discursiva” que é utilizada para a construção social de uma emoção.

A partir disso, podemos analisar o artigo escrito pelo professor Luiz Fernando Rojo a partir de suas observações feitas durante a realização dos Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro em 2016, o mesmo foi observado. O professor cita em seu artigo que:

Quando, assim que terminaram os Jogos Olímpicos, muitas pessoas começaram a discutir sobre o reduzido número de ingressos até então vendidos para os Jogos Paralímpico, diferentes reações puderam ser observadas. Entre elas, havia um tipo de pena, que aparecia principalmente entre os muitos daqueles que conheciam nada ou muito pouco sobre os esportes adaptados. Algumas vezes, esta emoção aparecia associada com uma comparação entre os atletas olímpicos e os

paralímpicos. Neste caso, estas pessoas partiam de uma categoria usada por muitos daqueles ligados ao movimento paralímpico - a superação - para interpretá-la como se os atletas paralímpicos precisassem de mais apoio do que os “normais”, uma vez que eles teriam que fazer um esforço maior para representar o Brasil (Rojo, comunicação oral)

Parto assim do pressuposto que, a mídia, tendo como estrutura de suas matérias a narrativa que apresentei acima, também é um dos construtores responsáveis pelo discurso de pena e compaixão que gira ao redor do esporte adaptado, juntamente com a falta de conhecimento e contato com esporte adaptado, fruto da pouca visibilidade do mesmo, como foi citado acima por Rojo. Podemos aqui utilizar o autor Jean Delumeau, em seu texto “História do medo no Ocidente” onde expressa a ideia de uma construção do medo a partir das narrativas épicas durante o Renascimento. O autor diz que:

É no momento - séculos XIX- XVI - em que começam a avançar na sociedade ocidental o elemento burguês e seus valores prosaicos que uma literatura épica e narrativa, encorajada pela nobreza ameaçada, reforça a exaltação sem nuança da audácia.” (Delumeau, 1978:14)

Para além desta citação, para reformar meu ponto de vista, cito também sua fala do mesmo texto, onde o autor diz: “Da Antiguidade até data recente, mas com ênfase no tempo da [Renascença, o discurso literário apoiado pela iconografia (retratos em pé, estátuas equestres, gestos e drapeados gloriosos) exaltou a valentia - individual - dos heróis que governaram a sociedade” (DELUMEAU, 1978, p. 17).

Pretendo aplicar a mesma lógica aqui: segundo Delumeau, a ideia da exaltação a valentia foi construída a partir das narrativas de feitos heróicos. Defendo que assim como ocorreu no Renascimento, a ideia de compaixão inerente ao discurso da mídia sobre os atletas também seja construído, em parte, também pela narrativa desses discursos, moldando uma ideia de superação ligada a história de vida destes atletas, dentro de uma lógica simbólica construída por estes discursos, inserindo-os à categoria de “vítima”, analisada pela autora Myriam Jimeno.

A ideia da construção de uma noção pelo discurso literário de Jean Delumeau, ainda que tenha uma característica distinta do discurso da mídia, e se dêem em contextos diferentes, pode ser utilizado sob a mesma lógica. A exaltação do heroísmo individual no Renascimento, descrito por Jean Delumeau, se deu pela ideia promovida por seu discurso. Neste aspecto que o comparo à influência da mídia sobre o discurso de pena inserido no contexto dos jogos adaptados.

Voltando a categoria de vítima analisado por Myriam Jimeno: a autora escreve no seu artigo a sobre a categoria de vítima que sofreram por violência. Apesar de não ser bem este o discurso de “vítimas” ligados a violência que estão sendo analisados aqui, podemos usar a mesma lógica, no que diz respeito a estrutura de linguagem utilizada pela mídia. A autora diz que:

“Essa linguagem, eminentemente emocional, cria laços entre pessoas diversas, naquilo que podemos chamar de sociedade civil, ao redor do compartilhamento da ‘verdade’ a respeito dos fatos de violência ocorridos recentemente.[...] A natureza emocional dessa categoria torna possível [...] tecer vínculos de identidade e reconhecimento entre aqueles que experimentam a violência e o conjunto da população civil. Esses vínculos são expressos publicamente sob a forma de encenações, mobilizações e imagens compartilhadas. Assim, a linguagem do testemunho pessoal conforma comunidades no sentimento, por mim chamadas de comunidades emocionais, de moralidade, fundadas numa ética do reconhecimento” (Jimeno, 2010:99).

Isto posto, podemos fazer um link com a ideia de construção do discurso de sentimento pela narrativa de Delumeau e a forma que essa narrativa é construída citada acima por Jimeno, partindo da análise das reportagens mostradas acima. Jimeno diz que as narrativas são construídas “engendrando a audiência ao redor de símbolos de fácil compreensão e enorme eficácia emocional” (JIMENO, 2010, p. 101), o que fundamenta o que havia mencionado acima sobre a lógica simbólica inserida dentro desta narrativa. Juntamente com os discursos dos autores acima, a autora Candace Clark fala em seu livro *Misery and Company* sobre as regras de troca de simpatia na sociedade americana. Para além da construção produzida pelo contexto social, como havia citado acima, a autora diz que as emoções não são apenas naturais: “Rules and logics help shape and circumscribe even the most private and interior or four mental processes. These interior processes seem natural to us, but really they are socially channeled.” (CLARK, 1997, p. 19).

Partimos agora para a segunda parte desta questão. A autora Candace Clark discorre em seu texto sobre a importância de sentir empatia e compaixão pelo próximo. Clark afirma que a empatia é uma espécie de “cola social” que mantém os relacionamentos interconectados. Contudo, a autora também explica que: “Sympathy can connect people emotionally, or it can divide them by underlining the differences between the fortunate and the less fortunate.” (CLARK, 1997, p. 20).

A autora explica que a empatia, além de conectar as pessoas, tem também a capacidade de reforçar as diferenças existentes entre os “mais afortunados” e os “menos

afortunados”, sendo assim um sentimento que temos para com aqueles que são, geralmente “menos afortunados” ou em certo nível, “inferiores” a nós: “Sympathies for those who experience mis fortunes and miseries figure into our perceptions and judgments of them. Thus, sympathies color our family life, work relations, and orientations to acquaintances and even strangers.” (Clark, 1997 p. 21). A autora explica também que a empatia (compaixão) é construída pelas religiões e filosofia ocidentais como uma “resposta digna para a miséria do outro”.

Deste modo, podemos perceber que a autora reforça a ideia de uma construção social acerca da simpatia, e que apesar de ser um sentimento visto com positividade, pode, como no caso dos atletas paralímpicos, delinear as diferenças existentes entre os que se consideram “normais” e as pessoas com deficiência, sendo este também um dos principais construtores do discurso de pena citado acima.

O maior problema, contudo, não é a construção desta narrativa, mas a forma como isso atinge os atletas em si. Em uma matéria divulgada no site da Veja⁵, que tem como chamada a seguinte frase “Paralimpíada: para eles, não basta competir”, há uma parte específica que fala justamente da reação dos atletas frente a esse sentimento de pena. Sob um título chamado “ESTIGMA”, a matéria relata o seguinte:

Não existe essa ideia de que os atletas paralímpicos são “coitadinhos”. Com eles, não tem a frase “Já sou um vencedor por estar aqui”. Eles querem ganhar. São perfeccionistas. Além disso, não são “bonzinhos”, como muita gente pensa. Alguns dos atletas paralímpicos estão entre as piores pessoas que conheço, assim como há outros que estão entre as melhores. A deficiência é apenas uma característica de alguém, e não a definidora. Acho muito ruim quando ouço: “Fulano é um cadeirante”. É como se dissesse: “Sicrano é um usuário de óculos”. Sobre o modo de se dirigir a um para-atleta, o problema está na intenção. Não há nada de errado em falar que alguém é amputado. Já aleijado é ruim, porque soa como se a pessoa fosse incapaz. Os atletas têm piadas internas a respeito disso. Muitos dos cadeirantes se chamam entre si de “chumbados”.

Durante minhas estadias em campo, pude perceber a linguagem usada entre os atletas, onde não havia espaço para “coitadismo”. Termos como “chumbado”, “aleijado” e afins são constantemente utilizados pelos mesmo.

Um caso citado por Rojo em seu artigo relata algo similar:

A seleção brasileira havia tido uma boa performance na fase classificatória e muitas pessoas esperavam por uma vitória e a passagem para a decisão, mesmo que muitos também soubessem que o Irã havia

se classificado em primeiro lugar do outro grupo. [...] Portanto, quando o placar final mostrou o Brasil perdendo por cinco a zero, uma parcela da torcida vaiou fortemente o time brasileiro. O mais interessante deste relato, no entanto, não foi a vaia em si, mas o fato de que esta [...] repercutiu positivamente em muitos membros desta delegação. Um deles teria mesmo afirmado algo como “Acabou o coitadismo!”, enquanto outros diziam que “se nós queremos ser vistos como atletas, temos que aprender a ser aplaudidos como atletas e vaiados como atletas.” (Rojo, comunicação oral).

Se voltarmos aos exemplos que dei em minhas experiências em campo, podemos perceber que de fato, se tem algo que não ocorre entre os atletas é o discurso de “coitadismo”. Pelo contrário, abandonar esta ideia é o primeiro passo para “se tornar um atleta de verdade”, segundo Menesclau. Essa forma de tratamento vai além das idéias propostas por Rojo. Não é apenas ser reconhecido como atleta, e não como coitado, mas possui também um caráter de inclusão nos meios de sociabilidade em campo. Citei rapidamente o ocorrido quando chegava de carro com Jonas no campo de treinamento, onde o mesmo brinca com um de seus parceiros, o chamando de “aleijado”.

O fato de o mesmo tratamento ser assumido por técnicos que não possuem nenhum tipo de deficiência serve para confirmar o caráter de inclusão que este discurso tem. Para se apropriar deste discurso, não basta apenas ser atletas ou possuir alguma deficiência. A liberdade de usar este tipo de tratamento só é adquirida quando você ingressa no grupo, e ao mesmo tempo, para se ingressar no grupo, é necessário assumir o mesmo discurso.

Com isto, podemos perceber a diferença clara do discurso imposto, de certo modo, pelas reportagens sobre esporte adaptado, e repetido constantemente fora de ambientes onde se pratica esporte adaptado. Para mim, o ponto crucial que deve ser criticado, e espero ter construído uma boa base para sustentar tal crítica, é que a reprodução constante e a naturalização deste discurso que coloca uma pessoa com deficiência, seja ela atleta ou não, como uma pessoa digna de pena, compaixão e afins, dificulta ainda mais as lutas que são encaradas diariamente pelos movimentos que são a favor da inclusão de pessoas com deficiência, tanto na educação, esporte e etc.

A produção desta pesquisa foi de suma importância, pessoalmente falando, pois teve, além da contribuição acadêmica, um caráter de auto – reflexão no que diz respeito a consciência social no cerne da inclusão de pessoas com deficiência, que era algo que era completamente alheia, e a importância e seriedade com que devíamos lidar com estas questões diariamente.

3.2. – INDIVIDUALISMO E ESPORTES INDIVIDUAIS

Como o segundo tema abordado em alguns aspectos relevantes do campo, pretendo trabalhar com a questão dos laços de amizade e a visibilidade dos esportes individuais. Uma questão se desdobra a partir da outra, como irei explicar.

Assim como expus com os resultados da planilha, havia quase em todas as Instituições a prática constante de alguns esportes, estes seriam a bocha, o atletismo e natação. Inclusive, a natação e atletismo eram os esportes de maior peso dentre as três únicas Instituições que oferecem a prática de esporte adaptado para pessoas que possuem deficiência física.

A primeira questão surgiu ao analisar a planilha e perceber que repetia-se em várias Instituições os mesmos esportes. Decidi então levar a campo a questão e perguntá-la aos atletas, ora durante entrevistas e ora durante as minhas observações.

Entre os esportes adaptados mais populares apenas a natação e o atletismo são esportes individuais, e por alguma razão, são os esportes com o maior valor, e os atletas mais valorizados são os que os praticam.

Em entrevista à atleta de alto rendimento de atletismo, Rosinha Santos, perguntei porque havia essa maior valorização do esporte individual e sua resposta foi a seguinte:

“O atletismo e a natação são os carros chefes do esporte adaptado, são os mais incentivados pela mídia, as pessoas nem sabem que existem outros esportes praticados por deficientes. É mais fácil patrocinar um atleta de esporte individual, até porque também tem a questão da mobilidade. É muito difícil levar um time inteiro de basquete em uma competição em São Paulo por exemplo. No individual é mais fácil ir só o técnico e o atleta. Ganhar medalha em esportes coletivos é muito melhor, mas tem menos valor que ganhar com esporte individual. Muitos deixam de praticar o esporte que amam pelo valor.”

A mesma pergunta foi feita para atleta Jonas Licurgo, de atletismo de alto rendimento da ADEZO, e sua resposta foi:

O esporte individual hoje em dia tem muito mais valor, porque é muito mais fácil você patrocinar um atleta só do que uma equipe inteira de basquete, por exemplo. O atletismo é o esporte individual que tem melhor resultado no Brasil, então a mídia toda vai logo em cima. Todo

mundo da antiga começou jogando basquete, mas acabaram indo pro atletismo mesmo.

Os pontos de intersecção das duas respostas são em primeiro lugar a mídia e a facilidade em patrocinar um atleta de um esporte individual, mas ainda assim não é o suficiente para responder por que o atletismo é o esporte com maior visibilidade, já que “ser individual” não é o suficiente para responder a esta questão, visto que existe uma enorme gama de esportes adaptados praticado individualmente, e nem tampouco a mídia é a única culpada deste acontecimento.

Partindo deste ponto, decidi levar a campo a questão levantada por Bourdieu em seu artigo “como é possível ser esportivo?” onde se questiona “como se produz a demanda dos ‘produtos esportivos’, como as pessoas passam a ter o ‘gosto’ pelo esporte e justamente por um determinado esporte mais do que por outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo?” (BOURDIEU, 1983, p. 2). Com esta questão levada a campo, levantei alguns dados necessários para realizar esta análise. Antes de expor os pontos que irei desenvolver neste tópico, é preciso deixar claro que a análise que estou fazendo aqui cabe somente aos esportes individuais com maior visibilidade, ou seja, a natação e o atletismo.

O primeiro ponto relevante encontrado nas pesquisas feitas por mim em sites esportivos, mais especificamente no site do comitê paralímpico é o fato do atletismo adaptado ser um esporte bastante inclusivo, isto é, ele abrange um enorme leque de classificações de deficiências autorizadas a praticá-lo. Com relação a este ponto, a natação possui quatorze classificações, já o atletismo, dezessete. São estas:

TABELA 2 – CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO ATLETISMO	
Classe Funcional	TIPO DE DEFICIÊNCIA
T (TRACK)	
T11 a T13	<i>DEFICIENTES VISUAIS</i>
T20	<i>DEFICIENTES INTELECTUAIS</i>
T31 a T38	<i>PARALISADOS CEREBRAIS</i>
T31 a T34*	<i>PARA CADEIRANTES</i>
T35 a T38*	<i>PARA ANDANTES</i>
T42 A T46	<i>AMPUTADOS OU DEFICIÊNCIA NOS MEMBROS INFERIORES OU SUPERIORES</i>
T42 A T44	<i>PARA MEMBROS INFERIORES</i>
T45 A T47	<i>PARA MEMBROS SUPERIORES</i>

T51 A T54	<i>COMPETEM EM CADEIRAS DE RODAS (Sequelas de poliomelite, lesões medulares e amputações)</i>
F (FIELD)	
F11 A F13	<i>DEFICIENTES VISUAIS</i>
F20	<i>DEFICIENTES INTELECTUAIS</i>
F31 A F38	<i>PARALISADOS CEREBRAIS</i>
F31 A F34*	<i>PARA CADEIRANTES</i>
F35 A F38*	<i>PARA ANDANTES</i>
F42 A F46	<i>AMPUTADOS OU DEFICIÊNCIA NOS MEMBROS INFERIORES OU SUPERIORES</i>
F42 A F44*	<i>PARA MEMBROS INFERIORES</i>
F45 A F46*	<i>PARA MEMBROS SUPERIORES</i>
F51 A F57	<i>COMPETEM EM CADEIRAS DE RODAS (Sequelas de poliomelite, lesões medulares e amputações)</i>
T (TRACK)	
T11	<i>Corre ao lado do atleta-guia e usa o cordão de ligação. No salto em distância é auxiliado por um apoio.</i>
T12	<i>Atleta-guia e apoio, no salto, são opcionais.</i>
T13	<i>Não pode usar o atleta-guia e nem ser auxiliado por um apoio no salto.</i>

O segundo ponto, no que diz respeito a mídia, decidi pesquisar os resultados obtidos pelos medalhistas brasileiros em ambos os esportes. A quantidade de medalhas conquistadas pelos atletas paralímpicos, segundo o site do comitê paralímpico, na natação é de 102, sendo 32 de ouro, 34 de prata e 36 de bronze. Enquanto que no atletismo o total de medalhas obtidas é de 142, sendo 40 de ouro, 61 de prata e 41 de bronze. Feita essa pesquisa foi possível concluir que de fato o atletismo tem um rendimento maior do que a natação. A partir disso podemos usar a fala de Simone Guedes (1998): “[...] As possibilidades de representação estão diretamente associadas ao sucesso.” (Pág 1998, 41), ou seja, o fato do resultado do atletismo ser maior, também gera a maior visibilidade e procura do esporte. Assim como Guedes relatou, o sucesso do esporte e a possibilidade de obter a vitória, mais a divulgação da mídia pelos resultados obtidos podem ser fatores que aumentam a procura do atletismo e da natação, respectivamente, e talvez seja este um ponto importante. A possibilidade de vitória, somada ao também amplo leque de classes no atletismo que aumentam esta possibilidade e aos resultados até então obtidos podem ser fatores para serem levados em consideração em relação à primeira questão apresentada no trabalho.

Mas no que diz respeito à possibilidade de ganhar também não é o suficiente para explicar a maior visibilidade do atletismo. Assim como Rojo cita em seu artigo que mencionei acima, o time de futebol adaptado do Brasil ganha diversas medalha e está

sempre muito bem classificado, tanto que com isto, surgiu a expectativa que pudessem vencer do Irã, que também possui uma excelente classificação, nos últimos Jogos Olímpicos, e acabaram sendo vaiados por isso. Então, por que o atletismo possui maior visibilidade e procura do que o futebol, por exemplo?

Talvez pudéssemos assumir mais uma vez a questão da categoria “representação” de Simone Guedes. Acima pudemos perceber que o quadro de medalhas do atletismo é amplo. Isso talvez se deva ao fato da possibilidade do atletismo, tendo diversas provas, nas quais é possível ganhar mais de uma medalha, aumente a possibilidade de vitória dos atletas em um só esporte. A ideia da visibilidade do atletismo ser maior pode estar ligada a ideia de uma “representação” mais expressiva, como cita Simone Guedes. Ou seja, ainda que a seleção brasileira de futebol tenha excelentes resultados, oferece a possibilidade de adquirir apenas uma medalha. Já o atletismo, por outro lado, oferece uma margem maior de possibilidade de vitória. Um exemplo disso é o fato de Rosinha Santos, em sua primeira participação dos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000, ter quebrado o recorde mundial 3 vezes, em apenas um esporte. Ou também pelo fato de Jonas Licurgo ter 11 recordes mundiais quebrados com relativamente pouco tempo de carreira.

Para além desta questão, como pode-se perceber nas falas dos interlocutores sobre a maior visibilidade do esporte, existe a maior facilidade de ingressar no meio do esporte de alto rendimento e conseguir um patrocínio quando se pratica um esporte individual, tendo como carro chefe, como diz Rosinha, um esporte individual que ofereça a possibilidade de ter uma “representação” mais expressiva do que nos demais esportes.

No que diz respeito a segunda questão que me propus a trabalhar, se deu como um desdobramento da primeira questão. Acho importante trazer para a discussão algo que diga respeito a forma de sociabilidade e amizade no campo, que pude observar durante as visitas que fiz ao campo, e aos treinamentos que pude acompanhar.

As primeiras entrevistas de campo (as que expus acima) que abordavam esta questão do esporte individual foram realizadas antes da minha leitura do ensaio de Roberto DaMatta (2003) produzido nos Jogos Olímpicos em Los Angeles “Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: as notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do Futebol no Brasil.” As questões levantadas por DaMatta sobre individualismo no Esportes Olímpicos me chamaram a atenção, e então decidi levá-las a campo. Foi então quando iniciei mais uma vez entrevistas relacionadas a esse tema. A primeira foi realizada na ADEZO com um atleta de alto rendimento que estava iniciando

o treinamento com seus colegas de treino para competirem entre si na mesma modalidade, pois a sua antiga modalidade não entrava nas competições dos Jogos Paralímpicos.

Como eu já havia escrito nas entrevistas anteriores, ambos os atletas entrevistados nutriam uma paixão maior pelo esporte coletivo, mas por todas as questões exportas acima acabavam se oficializando dentro de um esporte individual como o atletismo. Uma das razões dadas para os competidores sobre o caso era porque não gostavam de competir entre si. O que me remeteu mais uma vez a Roberto DaMatta, quando o autor faz uma antropologia comparativa entre os Jogos Olímpicos e o Campeonato Mundial de Futebol. O autor discorre sobre a importância maior dada pelo público brasileiro ao Futebol e a quase completa indiferença dada aos Jogos Olímpicos, e atribui esta diferença ao fato de os Jogos Olímpicos inspirarem uma maior individualidade do que no Futebol, fato esse que seria tido como algo negativo pela população brasileira. DaMatta diz que:

Isso nos conduz a um problema sociológico interessante, qual seja: o fato de os Jogos Olímpicos terem um forte componente individualista, criando uma moldura valorativa que toma o ‘atleta-herói’ como uma imagem acabada do indivíduo moderno, dotado de autonomia, escolha e direitos, como centro moral da sociedade. (DaMatta, 2003:29)

Em contraponto à questão da individualidade presente nos Jogos Olímpicos o autor diz que:

“A Olimpíada é inaugurada e encerrada por meio de grandes rituais que dramatizam coletividades, mas que são relativizados por ritos de vitória (e derrota) que salientam individualidades e, com elas, singularidades culturais, sociais e, sobretudo, nacionais. Tudo isso contrasta com o Campeonato Mundial de Futebol. Aqui também temos uma ritualização do universal, mas o seu foco não é o indivíduo, mas uma coletividade – uma equipe – que compete pela vitória representando uma nação.” (DaMatta, 2003:31)

Para, além disso, o autor também cita que:

[...] Quando alguns atletas brasileiros tornaram-se heróis olímpicos, surgiram comentários ambíguos, reveladores de como era (e ainda é) complicado no caso da sociedade brasileira lidar com uma ‘ideologia de mérito’ (sobretudo do desempenho individual) que certamente caracteriza os Jogos Olímpicos sociais e, sobretudo, nacionais. Tudo isso contrasta com o Campeonato Mundial de Futebol. Aqui também temos uma ritualização do universal, mas o seu foco não é o indivíduo, mas uma coletividade – uma equipe – que compete pela vitória representando uma nação. (DaMatta, 2003:31)

Partindo da análise de todas estas questões e levando a campo, pude perceber que, de fato, o individualismo presente no esporte é um fator negativo para os atletas entrevistados nestes locais, mas apesar disto, não pode ser tomado como o fator principal para responder as questões levantadas na análise de Damatta, pois segundo a fala de Rosinha, atleta de atletismo adaptado “a arrogância e individualidade dos atletas estrangeiros também incomodam os atletas brasileiros no geral”. Nesta mesma entrevista, Rosinha relatou:

Quando competi em Sidney, enfrentei duas atletas muito fortes: a tunisiana e a “Egito”. Quando cheguei ao local, fui cumprimentá-las, como um costume mesmo entre os atletas brasileiros. A arrogância delas foi extrema que me deixou meio assim. Acabou que eu fui lá, fui campeã, e bati o recorde. Todos os atletas brasileiros que estavam presentes no local ignoraram as regras, pularam o cerco e vieram todos me cumprimentar. Esse é o espírito do atleta brasileiro. (Rosinha, diário de campo)

Como visto, apesar da individualidade ser um fator que incomoda aos brasileiros, mais especificamente nesse caso os “meus brasileiros entrevistados”, não é de fato um divisor de água que define a importância dada ou não para ambos os eventos esportivos citados acima como propõe DaMatta. Não é uma questão ligada de fato ao individualismo em si, mas aos valores morais expressos pelos atletas, que são valorizados pela sociedade brasileira, independente do esporte, que ativam um mecanismo chamado de “identificação coletiva” por Simoni Guedes (1998). Uma das falas de Rosinha na entrevista que remete a questão de “nunca se esquecer de onde veio” muito valorizada no futebol brasileiro (como o exemplo do Cafu que levantou a blusa com o nome do bairro onde nasceu na Copa de 2002). A atleta diz: “quando eu bati aquele Recorde, não foi uma conquista da Rosinha, foi uma conquista pro Brasil”.

Sendo assim, podemos perceber que os mesmos valores presentes nos atletas de futebol se encontram presentes nos atletas paralímpicos, portanto, não podemos levar em consideração a justificativa dada por DaMatta para resolver o problema, apesar de não ter de fato uma resposta satisfatória para esta questão.

Durante as entrevistas realizadas em campo, alguns desses valores morais supervalorizados entre os atletas ficaram bem claro. Discursos ligados sempre a humildade apesar dos grandes resultados, nunca se esquecer de onde veio, manter sempre o foco e o pé no chão eram repetidos o tempo todo. Uma das maiores críticas feitas pelos atletas é o fato de alguns de seus companheiro se tornarem “muito estrela”, ou apelidado

pejorativamente de “estrelinha” pelos nativos, mas apesar de todo esse discurso moral, o conceito mais valorizado dentro desses espaços é a amizade. Esta observação foi feita primeiro em uma entrevista na ADEZO quando descobri que um dos atletas trocava a modalidade para competir nos próximos Jogos Olímpicos, e este fato o levaria consequentemente a competir com seus companheiros de treino, fato este que incomoda a maioria dos atletas. O mesmo fato foi observado na entrevista com Rosinha, que me contou sobre o momento em que foi convocada para a Jogos Olímpicos de Sidney. Explicou que “houve uma festa depois das competições, e nessa festa seria anunciado o nome dos 17 convocados para a Jogos Olímpicos. Fui a última a ser convocada, e a única da minha equipe. Apesar de estar com o peito explodindo de alegria, fui incapaz de comemorar. Eu estava ali em cima e todos os meus companheiros ali embaixo. Todos treinaram e lutaram igual a mim, muitas eram mulheres que passaram pelo mesmo problema que eu, eram irmãos de treino, não podia fazer isso com eles. Contive minha felicidade.”

Allan Silver em seu artigo “Amizade e confiança como idéias morais: uma abordagem histórica” explica alguns conceitos de amizade na sociedade moderna. Uma relação baseada na confiança. Comenta que: “A amizade é um dos meios através dos quais as pessoas estabelecem uma relação de confiança entre si. A confiança implica em uma solução característica para problemas de incertezas interpessoais.” (SILVER, 1989, p. 2)

De fato, quando se tratava deste assunto, conceitos como “confiança, igualdade e reciprocidade” eram o centro da discussão. Mais uma vez retornando aos conceitos de amizade moderna de Silver, o autor explica que “ideais de amizade expressam algumas das potencialidades mais ‘nobres’ de associação da raça humana” (SILVER, 1989, p. 1), o que parece algo muito claro nestes locais. Além disso, o autor diz que: “a grande herança de pensamentos sobre a amizade inclui a valorização da igualdade e a identidade entre amigos, expressando o trunfo da confiança sobre a inevitável tentação de rivalidade, desconfiança e inveja.” (SILVER, 1989, p. 7).

Termos muito utilizados negativamente no campo era a questão da rivalidade. Apesar de ser realidade que todos os atletas competirem entre si, não é de bom tom falar sobre. Rivalidade e inveja são temas muito evitados nos discursos desses nativos.

Nesse momento, nada seria melhor do que citar a excelentíssima obra de Wacquant “corpo e alma” sobre pugilismo. Assim como no caso do boxe registrado

etnograficamente pelo autor, o mesmo acontece com o atletismo em relação à construção da amizade através da pedagogia. Apesar de o atletismo ser um esporte individual, ele apresenta valores que podem ser compartilhados por membros que trabalham em uma mesma equipe, e isso pode ser o resultado direto da pedagogia do esporte. Segundo o autor “a Nobre Arte apresenta, nesse sentido, o paradoxo de um esporte ultra-individual, cuja aprendizagem é totalmente coletiva. [...] a ‘comunidade moral’, o ‘sistema solidário de crenças e práticas’ que a torna possível e que se constitui enquanto tal.” (WACQUANT, 2002, p. 120). Apesar de o autor estar se referindo ao boxe, o mesmo pode ser aplicado no atletismo.

O modo que se aprende e pratica o atletismo, pelo menos nas instituições que pesquisei, a pedagogia é responsável pela formação desta “camaradagem [...], que se manifesta entre por olhares e sorrisos, papinhos, piadas e encorajamentos.” (WACQUANT, 2002, p. 87).

Assim como os pugilistas de Wacquant, existe um fator importante na estruturação dessa amizade presente nos treinos, que é a sensação de pertencimento, pois ele também “saboreiam o fato “de pertencer a uma pequena confraria.” (WACQUANT, 2002, p. 88).

Deste modo, podemos perceber que o discurso de amizade, apesar de naturalmente haver várias tensões em um campo onde seu amigo é também o seu oponente, é um conceito de extrema importância para os atletas em ambas as instituições.

CAPÍTULO 4

GÊNERO NO ATLETISMO ADAPTADO: ADEZO E ASSOCIAÇÃO ROSINHA SANTOS

Este é o capítulo que trata da questão que mencionei que trabalharia mais profundamente: a questão de gênero. Como foi possível perceber na planilha e nos resultados que detalhei logo abaixo, é gritante que há uma quantidade muito menor de mulheres praticando esporte adaptado em quase todas as Instituições, com exceção da Associação Rosinha Santos. Mas antes de ir direto para a questão, preciso explicar como se deu o desenrolar da mesma.

Desde o início da minha graduação, tive em mente que não queria trabalhar com questão de gênero, seja lá qual fosse meu campo. O motivo pra isso era porque eu, enquanto mulher, lido com questões de gênero diariamente, e diariamente sou confrontava pelo fato de ser mulher, ou de defender a diversidade publicamente. Muitas das vezes as questões de gênero me feriam profundamente. Por este motivo, preferi não levar estas dores para um trabalho de conclusão de curso em hipótese alguma.

Para completar as matérias que precisava para me formar, era necessário que eu cursasse mais uma disciplina de ênfase da graduação, que eram as teorias antropológicas. Decidi então cursar Teoria Antropológica do Gênero, que estava sendo ministrada pelo meu orientador. Na mesma época, comecei a montar a planilha e a problematizá-la, na esperança de tirar algumas conclusões dela. Apareceu, quase que saltando em cima de mim, o fato de haver muito mais homens do que mulheres praticando esporte, e na época, precisava trazer uma questão para desenvolver o trabalho para a matéria que estava cursando.

Falar sobre esta questão já havia sido uma sugestão dada por meu orientador, mas como sentia muita dificuldade para lidar com teorias do gênero, apesar de ter concordado com a sugestão de meu orientador, mantive um pouco meu pé atrás. Até que os textos foram me ajudando a moldar a questão. Então a partir da decisão de fazer o trabalho de Gênero sobre esta questão, e testando para ver se seria uma boa questão para se aprofundar, decidi levá-la a campo.

Farei a discussão da seguinte maneira: Em primeiro lugar, tentarei entender porque a maior parte dos atletas são homens, através de entrevista, partindo do ponto de vista nativo, como sugere Geertz.

Em segundo lugar, me aprofundarei na discussão do que é ser “mulher” dentro do esporte adaptado, tanto da perspectiva das mulheres quanto das dos homens, fazendo entrevistas com ambas as partes.

Usarei como base da discussão teórica do desenvolvimento do trabalho o segundo capítulo do livro de Pierre Bourdieu (2007), “A dominação masculina”, e farei um diálogo com teorias de gênero de desenvolvidas por Judith Butler (2003) em “Problemas de gênero” e Jacques Lacan (1975) em “Seminário XX – Mais ainda”. Além destes, pretendo trabalhar também com o capítulo sobre gênero do livro “Por mares nunca dantes navegados” de Luiz Fernando Rojo, que me serviu muito como um amparo para este projeto.

Quero começar voltando à primeira entrevista que me fez focar na parte de gênero. Quando visitei a ADEZO pela primeira vez, fiz enfim minha primeira entrevista com um atleta paralímpico. Engoli meus receios, e após alguns minutos, já estava familiarizada com as pessoas que passavam por nós durante a entrevista e brincavam, lançando algum tipo de comentário que atingisse de alguma forma Jonas, implicando com o fato de estar sendo entrevistado desta vez por uma antropóloga, e não por um canal esportivo de

relevância. Juntei meu fôlego e perguntei ao entrevistado sobre a diferença gritante no número de homens e mulheres praticando esportes adaptados, a primeira reação dele me alarmou, senti que um clima de tensão tinha se estabelecido ali, e logo após a pequena pausa, Jonas respondeu:

Jonas: Sim, realmente, tem muito mais homem mesmo do que mulher praticando esporte. Aqui, por exemplo, têm algumas meninas aqui, outras ali. Mulher não se interessa muito por isso.

Eu: Mas por que você acha que mulheres não se interessam muito por esporte?

Jonas: Ah, pra mulher é mais complicado né? As mulheres começam a praticar esporte, daí começam a namorar, casam, tem filhos, e aí desistem de vir para cá.

Apesar de estar ali como antropóloga, aquilo me incomodou um pouco, mas percebi que esta fala na verdade seria o ponto inicial para o desenrolar desta questão. A segunda entrevista onde voltei a lançar as mesmas perguntas foi desta vez com uma atleta paralímpica, recordista mundial e medalhista paraolímpica no atletismo adaptado, Rosinha Santos. Desta vez o rumo foi diferente:

Eu: para você como é ser mulher dentro do esporte adaptado?

Rosinha: Olha rapaz, eu vou confessar que eu já sofri muita discriminação, não só por ser cadeirante, mas por ser, além disso, mulher e negra, mas aqui dentro não tem isso não. Quando eu piso aqui, não sou mulher, sou medalhista, sou atleta. Tá todo mundo junto.

Eu: E por que você acha que o número de mulheres no esporte adaptado é muito menor que de homens?

Rosinha: A mulher tem muita dificuldade de mostrar o corpo, sabe? Eu mesma quando perdi minha perna não saía com medo disso.

Eu: Quando fiz a entrevista com outro atleta, ele afirmou que o número menor de mulheres no esporte é devido à coisas como namorar, casar, ter filhos. O que você pensa sobre isso?

Rosinha: Ué, homem não namora, casa e tem filhos também? O que isso tem a ver?

Logo após, voltei à ADEZO e dessa vez entrevistei Michele, uma atleta que praticava halterofilismo e mais tarde passou a ser a única mulher na equipe de atletismo de alto rendimento, que pratica a modalidade lançamento de dardo e começou recentemente o arremesso de peso. Michele era uma mulher que se tornou uma pessoa com deficiência após os 30 anos de sua vida. Sofreu um acidente onde foi atropelada por um carro, e a partir daí, apesar de não ter sofrido lesões muito sérias no acidente, seus músculos começaram a atrofiar.

Após algumas consultas, Michele descobriu ser portadora de uma doença sexualmente transmissível, que foi passado para sua mãe, através de sua avó. O vírus não

se ativou nem em sua avó e nem em sua mãe, mas despertou em Michele após o acidente. Depois de algum tempo tentando lidar com a situação, Michele conheceu a ADEZO e começou a praticar alguns esportes adaptados, até parar na equipe de alto rendimento de atletismo, na ADEZO.

Tornei novamente a fazer as mesmas perguntas, mas desta vez, tive uma surpresa.

Eu: Para você, como é ser a única mulher treinando atletismo adaptado aqui na ADEZO?

Michele: Normal.

Eu: Normal como?

Michele: Ah normal, é tranquilo. Claro que eu gostaria que tivesse mais mulheres, mas aqui não tem problema não, aqui todo mundo é atleta.

Eu: E o que você pensa sobre ter homens aqui praticando esportes do que mulheres?

Michele: Ah, como eu disse, gostaria que tivesse mais mulheres aqui, mas infelizmente não dá. Para mulheres é muito mais complicado, a gente tem casa pra cuidar, filho, marido, aí já viu né?

Essa parte da entrevista realmente me pegou de surpresa. Apesar de haver aparentemente um discurso de igualdade, onde não se aplica absolutamente nenhuma diferença na prática esportiva de homens e mulheres tanto na Associação Rosinha Santos quanto na ADEZO, há também um discurso inverso coexistindo dentro destes ambientes. A partir disso, decidi ir apenas para observar e ouvir. Antes do começar o treino, um dos atletas se aproximou de mim e comentou “Menina, pode colocar aí no seu caderninho o nome ‘Jurema Henrique’ (nome da treinadora da equipe de atletismo)”. Após o comentário, perguntei o motivo, a resposta foi “essa mulher é foda. Mais macho que essas marmanjos todos ai treinando”.

Logo após esse acontecimento, fui convidada a me sentar ao lado de um dos atletas para observar o treino de arremesso de peso, quando começou uma conversa sobre técnicas necessárias para arremessar o disco (uma das modalidades treinadas no local). Perguntei de imediato quanto pesava o disco, e a resposta veio de súbito “a gente pega peso de menininha, um quilinho só”.

Isto posto, percebe-se que há uma diferença clara de “mulheres” e “mulheres dentro destes ambientes. Dentro de um período de 20 minutos, mais ou menos, pude observar dois sentidos diferentes que se dava a mulheres: uma se dirigia a Jurema Henrique, que era uma “mulher foda”, mais macho que muito homem, e a outra se referia a “peso de minininha”, em um sentido pejorativo.

Na etnografia de Luiz Fernando Rojo, “Por mares nunca dantes navegados”, em seu capítulo de gênero, o autor explica esta situação na qual observou também entre os velejadores de “sociabilidade homogênero”, onde explica:

Assim. Se nesta perspectiva a igualdade é situada a partir do pertencimento ao mesmo sexo (que, de forma distinta, estarei denominando de ‘sociabilidade homossexo’), o conceito de ‘sociabilidade homogênero’ aponta que, em determinados contextos, esta ‘igualdade’, que é sempre aproximada, se dá a partir do compartilhamento de uma identidade de gênero, que em situações específicas pode incluir tanto homens quanto mulheres. A partir desta mesma discussão, este conceito reforça o fato de que, mesmo em momentos nos quais as relações se estabeleçam exclusivamente entre homens ou entre mulheres (ou seja, nos casos de ‘sociabilidades homossexo’), isso não significa podermos pressupor automaticamente que se estabeleça uma relação de ‘igualdade’, em termos de gênero.” (Rojo, 2013:85).

A análise desta situação ocorrida do ponto de vista do autor Luiz Fernando Rojo abre espaço para discutir as teorias de gênero de Boudieu (2007) e Butler (2003). Vamos partir então da Dominação androcêntrica desenvolvida por Bourdieu. Em primeiro lugar podemos analisar o discurso presente na fala dos atletas entrevistadas.

Dois atletas de ambos os sexos relacionaram a ausência da mulher no esporte aos afazeres domésticos e às “questões femininas” (casar, ter filhos, cuidar do marido). Boudieu em seu “a dominação masculina” se utiliza de um conceito que Mauss chama de “expectativas coletivas” e explica que “Elas estão inscritas na fisionomia do ambiente familiar, sob a forma de oposição entre o universo público, masculino, e os mundos privados, femininos. [...] As mulheres estão, na maior parte do tempo, inseridas no espaço doméstico, à diferença dos homens, que raramente se vêem associados à casa.” (BORDIEU, 2007). Podemos partir desse primeiro ponto, pois se a questão que gerou essa discussão toda é “por que existe um número discrepante de homens e mulheres praticando esporte adaptado?”, talvez as análises feitas por Bourdieu sejam satisfatórias para respondê-la. Mais para frente o autor diz que:

É, sem dúvida, no encontro com as “expectativas coletivas” que estão inscritas, sobretudo implicitamente, nas posições oferecidas às mulheres pela estrutura, ainda fortemente sexuada, da divisão de trabalho, que as disposições ditas ‘femininas’, inculcadas pela família e por toda a ordem social, podem se realizar, ou mesmo se expandir, e se ver, no mesmo ato, recompensadas, contribuindo assim para reforçar a dicotomia sexual fundamental. (Bourdieu, 2007: sem página).

O fato da fala que relaciona o problema da ausência da mulher no esporte adaptado partir justamente de uma mulher e de um homem reforça a análise de Bourdieu, e prova o quão naturalizado é a visão da mulher relacionada ao doméstico, ao privado, ao recatado (sabemos que apesar da luta constante de muitas mulheres para quebrar esta visão, ainda é um problema que persiste na nossa sociedade).

Talvez possamos levar em consideração esse ponto como o motivo primordial para esta ausência, visto que o ambiente esportivo ainda é muito ligado à ideia de masculino, mas podemos ir além. Podemos continuar com Bourdieu e tocar dois pontos muito importantes que podem também nos dar possíveis respostas para a questão. O autor diz que “A educação primária estimula desigualmente meninos e meninas a se engajarem nesses jogos e favorece mais nos meninos as diferentes formas da *libido dominandi*, que pode encontrar expressões sublimadas nas formas mais “puras” da libido social.” (Bourdieu, 2007, s/pag). Esse é outro ponto principal também, o fato de meninas serem motivadas à práticas diferentes dos meninos desde a infância pode ser também um fator para a questão da ausência. Não apenas isso, o esporte e os locais onde se praticam esporte ainda são fortemente associados ao gênero masculino, e talvez por isso exista um “tipo” específico de mulheres bem vindas naquele local, as chamadas pelos nativos de “mulheres machos” ou “mais machos que muitos marmanjos”.

Aqui podemos enxergar ao conceito de Rojo de sociabilidade homogênero, e, além disso, também podemos ver a razão para Butler ter chamado sabiamente seu livro de “problemas de gênero”, mas por agora não discutirei este ponto, pretendo primeiro expor o terceiro motivo que poderia responder a essa questão, ainda utilizando Bourdieu, desta vez relacionando também com Lacan. Retomando o texto “a dominação masculina, o autor enfatiza:

A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino, tarefas enormes e, em certo sentido, intermináveis que, sem dúvida, hoje mais do que nunca, exigem quase sempre um gasto considerável de tempo e de esforços, determinam uma somatização da relação de dominação, assim naturalizada. É através do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo *inclinados e aptos* a entrar nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade. (Bourdieu, 2007: sem página).

Aqui podemos tomar emprestada a categoria de significante de Lacan. O autor nos diz que “Um homem, uma mulher, eu disse da última vez, não são nada mais que significantes. É daí, do dizer enquanto encarnação distinta do sexo, que eles recebem sua

função.” (LACAN, 1975, p. 3). Se segundo Lacan somos um significante a qual são atribuídas funções, podemos ler sua análise através dos olhos de Bourdieu quando fala sobre a masculinização e feminilização do corpo, ou podemos chamar de significação dos corpos, dentro dos termos de Lacan. Em relação a feminilização do corpo da mulher entra uma questão mais complicada. Existe uma produção na nossa sociedade do corpo feminino ideal⁶ e perfeito, que é um dos principais motivos para uma maior dificuldade da exposição do corpo feminino, sobretudo um corpo que possua alguma deficiência. Podemos perceber isso na fala da atleta Rosinha da Associação Rosinha Santos, quando relata a dificuldade que teve no processo de transformação em uma atleta paralímpica.

Um outro exemplo que podemos citar também é o fato de, em todas as Instituições que observei os treinos de natação, fora as duas que mencionei já acima, em nenhuma delas, havia alguma menina praticando natação, o que exigiria uma exposição maior do corpo feminino.

Sendo assim, podemos utilizar três caminhos percorridos por Bourdieu para responder a questão central do trabalho: a produção social naturalizada da dominação masculina (que tem como uma de suas conseqüências o caráter competitivo como uma chave fundamental para a prática do esporte, normalmente associada ao gênero masculino), o incentivo distinto na infância de homens e mulheres e a masculinização e feminilização do corpo podem ser problemas que levam a discrepância de número de atletas homens e mulheres.

Aqui podemos agora retornar à questão que surgiu anteriormente: a existência de “mulheres” e “mulheres”, e qual o *ethos* da mulher que é aceita entre os atletas nestes locais (mais visivelmente na ADEZO), e que possível a relação chamada por Rojo de Sociabilidade Homogênero, onde cabe mais propriamente uma discussão de gênero.

Passando por Lacan, mais uma vez vamos retomar a categoria “significante”. Se para Lacan tanto homem quanto mulher são seres significantes, são necessariamente, construídos, seres nos quais podem ser atribuídos significados. Podemos pensar essa lógica para refletir um pouco sobre as categorias de Butler: sexo/gênero/desejo (BUTLER, 2003, p. 24).

⁶ Não que não exista um ideal do corpo masculino, mas há uma sobrecarga maior de peso quando esse ideal recai sobre o corpo feminino.

Comecemos então lembrando que citei anteriormente que as mulheres que treinam atletismo (e também a treinadora) são chamadas de “mulheres machos”. Podemos assim trazer a fala de Roberto DaMatta (2003) sobre as mulheres que jogam futebol no Brasil:

[...] No Brasil, apesar dos progressos e variações locais e regionais, continuamos a afirmar que ‘futebol é jogo para homem!’. Claro que mulheres também jogam futebol no Brasil, mas sofrem apupos da torcida, criam um evento com tonalidades irreais e carnavalescas e, mais revelador talvez que tudo isso, são obrigadas a proceder como ‘homens’, sendo englobadas por um conjunto de posturas ‘masculinas’, tal como esse ‘masculino’ é concebido na arena futebolística brasileira. (DaMatta, 2003:22).

Levemos essa lógica então para fora do futebol e apliquemos ao atletismo e a muitos outros esportes masculinizados. Parece ser um fato, segundo a fala dos nativos, que a mulher precise necessariamente adquirir um comportamento masculino para que tenha um espaço dentro de determinados esportes. Talvez aconteça também o oposto em esportes associados a feminilidade, como por exemplo a ginástica rítmica ou patinação no gelo, mas teria que fazer um estudo para ter certeza. Voltemos à questão.

Butler nos explica na problematização dessas categorias que o gênero e o sexo não estão necessariamente associados, ou presos em corpos masculinos ou femininos. Segundo a autora: “Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torne um artifício flutuante, com a consequência de que homens e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino.” (BUTLER, 2003, p. 25).

Sendo assim, se formos levar em consideração o fato de sexo estar desassociado do gênero, podemos entender que de fato, existe também nestes lugares a associação do corpo da mulher ao gênero masculino, mas apenas quando esta se desprende dos atributos tidos como femininos na nossa sociedade e aparece ligada à conceitos como virilidade, rudeza, resistência, valores estes ligados mais uma vez ao gênero masculino. Deste modo, podemos voltar ao conceito de dominação masculina de Bourdieu mais uma vez, para entender que, neste caso, a dominação não está essencialmente ligada ao homens, mas à dominação do gênero masculino.

Podemos manter o pensamento questões de gênero, mas dessa vez falando sobre a construção da masculinidade na ADEZO, especificamente. Um fato que acompanhei durante uma de minhas visitas me fez pensar sobre o mesmo.

Butler é fundamental não apenas para discutir o duplo discurso existente no meio dos atletas homens e mulheres, mas também serviu para me apontar uma questão: a masculinidade entre os atletas. A primeira vez que fui a Sulacap visitar a ADEZO, havia marcado a primeira entrevista com Jonas, e durante nossa conversa no facebook, o mesmo me perguntou se havia a possibilidade de levar uma estagiária de fisioterapia para a entrevista. Tentei até conseguir, pois não entendia bem o pedido, mas achei que o descumprimento do próprio me atrapalharia durante a entrevista, mas como foi inviável, segui para a entrevista sem a fisioterapeuta que havia cancelado algumas horas antes. Chegando ao local, Jonas estava reunido com outros rapazes, que não haviam nenhuma deficiência. Faziam uma pequena competição amistosa entre si para saber quem conseguia levantar mais peso.

Dentre todos os rapazes, Jonas era o único com alguma deficiência física, e competia com outros rapazes que não tinham a mesma condição que ele de igual para igual. A consequência disto foi um ferimento grave e a impossibilidade de participar de uma competição que se aproximava, devido a sua lesão. Entendi de imediato a necessidade de uma fisioterapeuta, mas pude ver outras coisas além disso. Surgiram algumas questões para firmar ainda mais meu trabalho no campo da antropologia do gênero: 1) quais eram os marcadores de gênero naquele ambiente? 2) poderiam os atletas paralímpicos serem considerados mais “feminilizados” do que outros atletas por terem algum tipo de deficiência? 3) como é construída a masculinidade naquele local?

Essas questões surgiram primeiro por perceber que existe uma construção de gênero distinta nestes lugares, onde as mulheres valorizadas possuem atributos masculinos. Talvez por ser um lugar tido como tipicamente masculino, haja a necessidade de incorporar estes atributos para que seja reconhecido este valor. Porém, quando se trata de homens, há ainda a valorização dos marcadores masculinos de gênero, que coexiste com a condição de seus corpos: a deficiência. Minha questão central é: homens com deficiência, que possuem uma fragilidade maior do que homens tidos como “normais” são vistos como menos “masculinos?”

A fala de um atleta quando se refere que atletas paralímpicos pegam “peso de menininha” pode ser um ponto de partida para pensar esta questão? E se no caso de haver uma “afeminação” em homens com deficiência, isto é visto por quem? Apenas pessoas que os assistem de fora ou isto também é uma questão que existe para os próprios atletas?

Como podemos perceber esta não é uma questão simples. Requer um aprofundamento maior e um período mais longo de campo, mas é um apontamento importante para pensar mais adiante, como no mestrado, por exemplo. Como havia falado anteriormente, o campo nos oferece mil e uma questões para se pensar, algumas sobre as quais as vezes não sobre tempo ou espaço para citar. Afinal de contas, para que seria uma pesquisa antropológica senão para criar provocações e cada vez mais perguntas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da produção e da escrita desta monografia, tentei apresentar da melhor forma possível como se deu seu processo de construção. Além disso, o objetivo meu e de meu orientador ao descrever passo a passo cada característica de cada Instituição que visitei, ainda que não tenha mantido tanto contado, era de apresentar ao leitor lugares onde se pratica esporte adaptado no quais muitas pessoas, nem mesmo as com deficiência, tem alguma noção do trabalho ardor que estas pessoas lidam dia após dia.

Com isso, podemos contribuir para a maior visibilidade destes locais, fornecer algumas informações importante sobre os mesmos, e contribuir para a produção de pesquisa na área do esporte adaptado, que ainda é muito escasso. A antropologia possui um terreno perfeito para explorar o campo dos esportes adaptados, terreno este que nos permite olhar através de diferentes áreas: gênero (como tentei contribuir o mínimo com esta pesquisa), corpo, emoções e etc. Temos aqui excelentes oportunidades para, através da antropologia e de nossos esforços, contribuir para a política de inclusão de pessoas com deficiências em diversos pólos da sociedade.

Esses dois anos que passei em processo de construção da monografia foram importantes para mudar minha própria concepção sobre estas políticas, das quais era completamente alheia. Pude ter a oportunidade de tomar a antropologia para mim em seu caráter crítico, político e militante a respeito de uma causa da qual vale a pena se esforçar para contribuir, nem que seja o mínimo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GENNEP, A. V. Os ritos de passagem. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

GEERTZ, Clifford. O senso comum como um sistema cultural. In.: O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa (3a ed.). Petrópolis: Vozes, 2000.

FRAVET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Cadernos de Campo, nº 13, ano 14, 2005.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In: SCHUCH, Patrice Et all (orgs.). Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2010.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista nativo. In: O saber local. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. Junho, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. “A coleta e a interpretação de dados empíricos”. In.: DURHAM, Eunice (org.). Malinowski: Antropologia. São Paulo: Ática, 1986 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, no 55)

MALINOWSKI, Bronislaw. “Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo. Abril Cultura. 1922.

MONICO, Lisete, ALFARES, Valentim, CASTRO, Paulo, PARREIRA, Pedro. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa.. Investigação qualitativa de Ciências Sociais. Portugal, 2017

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. “O trabalho do antropólogo”. São Paulo, 1998.

WEBER, Florence. “Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

DELUMEAU, Jean, “História do medo no ocidente 1300-1800”. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009

FAVRET-SAAD, Jeanne. “Ser afetado”. Caderno de campo n. 13. 2005

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. Junho, 2002.

Rojo, Luiz Fernando. Comunicação oral.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAMATTA, Roberto. “Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. Antropolítica, nº 14, 2003.

GEERTZ, Clifford. “O saber local”. Editora: vozes. 1997.

LACAN, Jacques. “Seminário XX – mais inda”. Paris. 1975.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. Junho, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. “O trabalho do antropólogo”. São Paulo, 1998.

ROJO, Luiz Fernando. Por mares nunca dantes navegados. Niterói, 2013.